



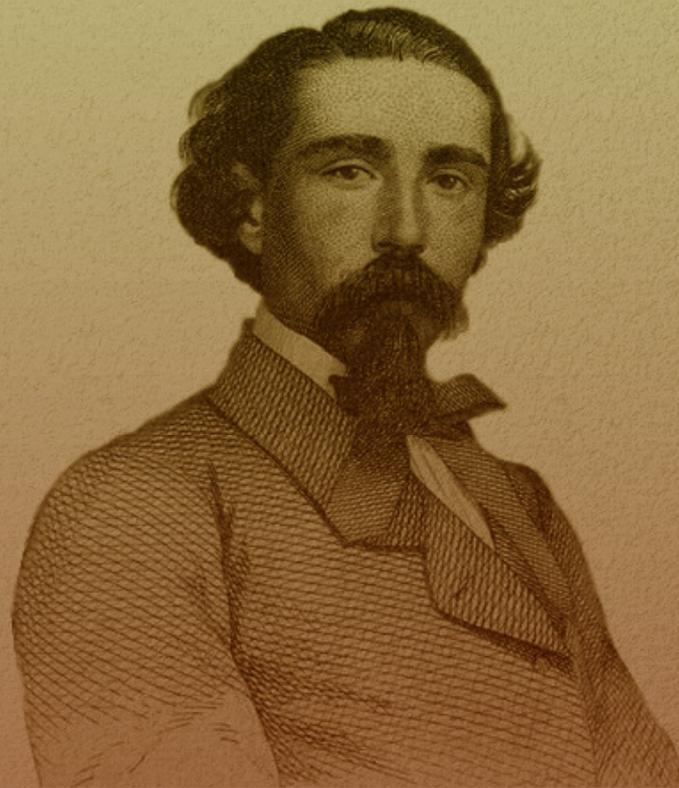
# Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

# Literatura



**Bulhão Pato**  
*Versos*



**Iba Mendes Editor Digital**

[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# *Versos*

## Bulhão Pato

---

Atualização ortográfica e projeto gráfico  
**Iba Mendes**

---

Publicado originalmente em 1862.

Livro Digital nº 816 - 2ª Edição - São Paulo, 2018.

**Poesia** - Literatura Portuguesa.

**Raimundo Antônio de Bulhão Pato**  
**(1828-1912)**

---



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

## ÍNDICE

---

<b>ALGO MAIS: Bulhão Pato: Aspectos biográficos.....</b>	<b>1</b>
José Maria de Andrade: Os Versos de Bulhão Pato.....	3
A Helena.....	6
A convalescente do outono.....	10
Feliz de amor!.....	14
Vais partir!.....	15
A Júlia.....	16
Improviso.....	18
A um retrato.....	19
Quem não ama, não vive.....	23
Amanhã.....	23
Anjo caído.....	25
Piedade.....	26
Beleza e morte.....	26
Oração da manhã.....	27
Caridade.....	28
Bela sem coração.....	30
Perdoaste.....	32
Três retratos.....	33
Adeus.....	36
A visão do baile.....	39
Receios.....	41
Lembras-te? .....	42
Pois ser pálida é defeito? .....	43
Dever.....	45
À morte da Exma. Sra. D. M. Henriqueta de Campos Valdez.....	47
Parisina.....	49
A valsa.....	65
Recordações.....	68

Sê feliz.....	72
A folha desbotada.....	73
Num álbum.....	75
Onde se encontra a ventura.....	76
Quem dirá.....	78
Um brinde.....	79
Aquele dia.....	81
Versos para recitar ao piano.....	83
Ciúmes do passado.....	86
Num álbum.....	87
Amor e duvida.....	88
Num álbum.....	91
Se coras não conto.....	92
Anjo e virgem.....	93
A Madame Lotti.....	95
Primavera.....	97
Volta.....	99
Lélia.....	101
Hino da infância desvalida.....	122
Gratidão e saudade.....	124
Diante do túmulo de Salvador Corrêa de Sá e de sua filha.....	126
Canção dos Piratas.....	128
Num álbum.....	130
À memória da Exma. Sra. D. Maria Gertrudes Manuel da Cunha.....	131

## **BULHÃO PATO - ASPECTOS BIOGRÁFICOS**

Era um bom, um justo e um santo, além de um espírito cultíssimo e de uma imaginação fecunda.

Foi o último a desaparecer de uma brilhante plêiade de românticos, a que pertenceram João Lemos, Mendes Leal, Soares de Passos, Gomes de Amorim e muitos outros que tanto se salientaram nessa escola que dominou por longos anos em todos os centros cultos da Europa e da América.

Bulhão Pato foi também revolucionário combatente, servindo de armas na mão contra as prepotências e tiranias do seu tempo, nos movimentos políticos de 1847.

É do conhecimento de todos a grande manifestação de simpatia ao ilustre escritor, quando ele e Teófilo Braga se apresentaram no Parlamento Português, como representantes da imprensa, para protestar, por ocasião da ditadura franquista, contra a célebre lei repressiva que tolhia inquisitorialmente a liberdade de escrever. Nesse momento, uma enorme multidão aclamou os dois venerandos cidadãos e o Parlamento recebeu-os com o respeito a que têm direito os homens eminentes, que se impõem a todos, pelas virtudes e pelo saber.

Foi esta a sua última glorificação em vida. Depois, minado pela doença, enfraquecido pela idade, torturado pela miséria, o resto da sua vida foi um caminhar lento e arrastado para o túmulo.

Raimundo de Bulhão Pato, nasceu a 3 de março de 1829, sendo oriundo de uma estirpe ilustre.

Aos 17 anos, já compunha lindos versos, reveladores das suas grandes faculdades de escritor. Formou e educou o seu espírito na convivência de homens como Herculano, Garrett e Rebelo da Silva.

Foi notável também como orador de assembleias e academias, sendo o seu maior trabalho literário *A Paqueta*, que teve de Alexandre Herculano palavras consagradas.

Independente da sua obra original, Bulhão Pato foi também um admirável tradutor das obras de Hugo, Shakespeare, Renan, Lamartine, Saint-Pierre e Balzac.

Era um artista e um pensador, que se manifestou com igual brilho, como prosador, contista poeta e orador combativo e erudito.

Bulhão Pato aliava ao seu talento de escol, um belo caráter e uma alma bem formada; e foi apoiado nessas forças que ele suportou, com dignidade, os últimos dias da sua penosa existência.

*Revista "Lusitânia", outubro de 1929.*

## OS VERSOS DE BULHÃO PATO

Um dos maiores méritos de Bulhão Pato é a concisão admirável do seu estilo, concisão que ele leva aos verdadeiros resultados dos grandes mestres, principalmente quando bosqueja os painéis da natureza. Os aspectos diante dos quais a sua musa parece embevecer-se, são sempre simples e tristes, como a índole do poeta. O pôr-do-sol, o cair das folhas do outono, o adro de uma aldeia, o casal que alveja ao longe por entre as cristas da serra, são, em geral, as cenas que a fantasia se compraz de lhe aproximar, de contornar, e que lhe torna como os horizontes permanentes da sua existência poética. Mas há sempre um vivo sentimento de poesia nestas pinturas; e é observando-as, e é estudando-lhe os efeitos que a sua impressão nos produz, que se percebe bem que secretos dons de influência moral exercem na alma estas combinações, em que o poeta parece chegar a ser pintor, porque o pintor, para o ser verdadeiramente, não pode deixar de ser poeta. Alguns exemplos, colhidos aqui e acolá, explicam isto melhor que todas as análises. Vejam se com linhas mais singelas se pode esboçar quadro mais amplo e solene:

*Nas nossas almas existia um mundo  
De indefinito amor;  
Do pélago profundo,  
Onde ruge o furor  
Insano, concentrado, atroz, maldito,  
Desta cruenta guerra  
Das ambições da terra,  
Nem uma maldição, um som, um grito  
Nos vinha perturbar!  
Era a amplidão do céu, a solidão da serra,  
Ao longe... a voz do mar!*

Que majestade e simplicidade de linhas! Outro quadro não menos verdadeiro:

*Daquele pobre casal,*

*O fumo que vai subindo,  
Em ondulante espiral,  
Não diz que em volta do lar  
Se reúne a pobre gente,  
Que já de perto presente,  
O frio inverno chegar?*

Quita não saberia traçar melhor este painel campesino. Agora este outro que parece sair da palheta suave e melancólica de Gessner. Há nele o sentimento dos mágicos afetos da natureza, que tão bem compreende e exprime a musa alemã.

*Era singelo, mas sublime o quadro!  
Em roda o mato agreste;  
No meio a pobre ermida ; ao lado delia  
Um secular cipreste;  
E sobre a cruz do adro  
Pendente uma capela  
De algumas tristes, desbotadas flores,  
Talvez emblema de profundas dores!*

Bulhão Pato também algumas vezes tem ensaiado o gênero satírico, e com felicidade, como se vê pela poesia o *brinde*, que é um desfechar constante de epigramas contra algumas das grutescas personificações da nossa comédia política. Mas eu prefiro, declaro-o francamente, não ver tão belo estro abater seus voos serenos a estes charcos. As suas tendências são outras, e mui diversas. O talento que vive do coração, a mente que se inflama só com o fogo dos sentimentos nobres e serenos, não pode prestar-se a aceitar em o número de suas predileções, assuntos repugnantes, e cujo hálito cresta sempre as asas cândidas do poeta. Que Bulhão Pato é o primeiro a repelir, com o seu desdém, estas lastimáveis individualidades, dignas sô de atrair as iras do libelista; e nas raras horas que a sua musa lhe tem emprestado algumas expressões de zombaria contra tais criaturas, tem sido sempre com a hombridade e desabrimento de quem aplica uma correção por força de necessidade: é mais uma pirraça do gênio insofrido do mancebo,

que ainda mesmo um desafogo do poeta. Este não se rebaixaria a tanto.

*JOSÉ MARIA DE ANDRADE FERREIRA*  
*Lisboa—Valle do Pereira, 20 de agosto de 1862.*

# VERSOS DE BULHÃO PATO



## A HELENA

Lembras-te, Helena, o dia em que deixamos  
O teu saudoso vale, e lentamente  
Pela elevada encosta caminhamos?  
O sol do estio ardente,  
Já não brilhava nos frondosos ramos  
Do arvoredado virente.

Chegara o fim do outono: a natureza,  
Sem ter os mimos da estação festiva,  
Nem aquele esplendor e gentileza  
Que tem na quadra estiva,  
Na lânguida tristeza,  
Na luz branda e serena  
Daquele ameno dia,  
Que imensa poesia,  
E que saudade respirava, Helena!

Subindo pelo monte,  
Chegamos ao casal onde habitava  
A tua protegida,  
Aquela pobre anciã que se agarrava  
Aos restos desta vida!  
Assim que te avistou, ergueu a fronte  
Curvada ao peso de tão longa idade,  
Sorrindo nesse instante  
Com tal vida, que a luz da mocidade  
Parecia alegrar o seu semblante!

Estendeste-lhe a mão, entre as mãos dela,  
Grosseiras pelo hábito constante

Do trabalho da terra,  
Queimadas pelo vento sibilante,  
E pelo sol da serra,  
Produzia essa mão graciosa e bela,  
Efeito semelhante  
Ao que por entre o mato  
Produziria a rosa de Benguela,  
A flor mais alva e de mais fino trato!

Vinte anos tu contavas nesse dia;  
A fiel servidora,  
Era a primeira vez que não podia  
Deixar a casa ao despontar da aurora,  
E cheia de alegria  
Caminhar para o vale como outrora,  
Depor uma lembrança em teu regaço,  
E unir-te ao coração num meigo abraço!

Tu, na força da vida,  
Circundada de luz e formosura,  
Foste levar à pobre desvalida  
Os dons do lar paterno;  
Alegrar com teu riso de ternura  
Aquele frio inverno!

Ao ver-te com teus braços,  
Nos seus braços senis entrelaçados,  
A ventura nos olhos encantados,  
A inspiração na fronte deslumbrante,  
Afigurou-me então o pensamento  
Ver um anjo descido dos espaços,  
De aspecto fulgurante,  
Enviado por Deus nesse momento,  
Para animar os derradeiros dias  
De quem cansado do lidar constante  
Abre o seio na morte às alegrias!

As lágrimas de gosto,  
Corriam cristalinas  
No rosto dela e no teu belo rosto!  
Como orvalhos do céu aqueles prantos,  
Um brilhava na hera das ruínas,  
Outro na flor de festivais encantos,  
Na rosa das campinas!

Quando voltaste a mim iluminava  
O teu semblante uma alegria infinda.  
Depois quiseste ainda  
Ir visitar a ermida que ficava  
No ápice do monte:  
Firmaste-te ao meu braço, e caminhamos.  
No esplêndido horizonte  
Já declinava o sol quando chegamos.

Era singelo, mas sublime o quadro!  
Em roda o mato agreste;  
No meio a pobre ermida; ao lado dela  
Um secular cipreste,  
E sobre a cruz do adro  
Pendente uma capela  
De algumas tristes, desbotadas flores,  
Talvez emblema de profundas dores!

Oh! como tu, suspensa  
Num êxtase ideal de sentimento,  
Expandias o livre pensamento  
Pela amplidão imensa!  
Como depois descendo das alturas  
Aonde te arrojara a fantasia,  
Parece que a tua alma me trazia  
Oculto prêmio de imortais venturas!

Tanto expressava o teu olhar profundo,  
Que o céu, a terra, o mar, quanto rodeia

O homem neste mundo,  
Jamais me trouxe a ideia  
Do supremo poder da Providência  
Com tamanha eloquência!

O sol quase no termo  
Com um brando reflexo,  
Cingia a cruz do ermo  
Em amoroso amplexo!  
O rei da criação, o astro orgulhoso,  
Que enche a terra de luz,  
Também vinha prostrar-se saudoso  
Aos pés da humilde cruz!

Era solene e santo  
Naquela hora suprema o teu aspecto!  
Nos lábios a oração, no rosto o pranto,  
As mãos cruzadas sobre o seio inquieto,  
Os olhos postos na amplidão do espaço,  
E em derredor da frente  
Um luminoso traço  
A inundar-te de luz resplandecente!

.....

Branda a tarde expirou! Daquele dia,  
E de outros dias de íntimas venturas,  
De imensa poesia,  
Nasceram essas páginas obscuras,  
Que hoje a teus pés deponho,  
Como saudoso emblema,  
Do tempo em que sorrira  
O nosso belo sonho!  
Terias um poema,  
Se tão gratas memórias  
Pudessem ser cantadas numa lira  
Votada a eternas glórias!

Enfim: se um pensamento,  
Se uma singela ideia onde transpire  
O perfume de vivo sentimento,  
Nestas folhas traçar a minha pena...  
A estrofe, o canto que o leitor admire,  
Seja o teu nome, Helena!



## A CONVALESCENTE NO OUTONO

Revive teu rosto pálido  
À chama do meu amor;  
De novo com mais ardor  
Pula em teu seio, querida,  
O sangue, o prazer, a vida.

O sopro que na existência  
Desta luz nos ilumina,  
Não se há de extinguir jamais;  
Oh! provém da mesma essência,  
Da mesma porção divina,  
Com que a mão da Providência  
Torna as almas imortais!  
Firma teu braço ao meu braço,  
Vem comigo respirar  
Este ar vivo e salutar.

Não sentes na luz do céu,  
E no perfume saudoso  
Do bosque espesso e formoso,  
Que o doce outono volveu?  
As folhas que pelo chão  
Crestadas dispersa o vento,  
Não desprendem um lamento  
Que entristece o coração!?

E a voz dessa ave amorosa,  
Que além na balsa murmura,  
Melancólico modilho,  
Não parece a voz saudosa  
Da mãe que adormenta o filho  
Entre os braços com ternura?

Daquele pobre casal,  
O fumo que vai subindo  
Em ondulante espiral,  
Não diz que em volta do lar  
Se reúne a pobre gente,  
Que já de perto presente,  
O frio inverno chegar?

Não vês que há tanta tristeza  
Na voz que se eleva a Deus  
Agora da natureza!  
Oh! mas como aos olhos teus,  
E como ao meu coração  
É grata a melancolia  
Desta lânguida estação!

Toda a esplêndida poesia  
Do céu, da terra, e das flores,  
Quando mil canções de amores  
Improvisa o rouxinol,  
Alegrando o mês de maio  
Desde os clarões do arrebol  
Até que em doce desmaio  
Nas águas se oculte o sol,  
Terá, sim, tem mais frescura,  
Mais vida e mais esplendor,  
Mas não tem tanta ternura,  
Nem respira tanto amor!

Paremos aqui, descansa

Um momento neste abrigo;  
O sopro da aragem mansa  
Anda em roda a murmurar,  
E um raio de sol amigo,  
A teus pés se vem prostrar  
.....

Oh! que noites de amargura!  
Que horas lentas de agonia!  
Que instantes naquele dia,  
Quando tu sem voz, sem gesto,  
Suspensa num fio a vida...  
Enfim te julguei perdida!

Chegara a noite; uma estrela,  
Uma só, não transluzia  
No céu triste e carregado;  
Opresso e desalentado,  
O coração me batia.

Pouco a pouco no horizonte  
Foi rompendo a névoa densa;  
Era a vida, a luz, o dia,  
Aquele alegria imensa,  
Que no murmurar da fonte,  
No perfume da campina,  
Na brisa e na voz divina  
Do amoroso rouxinol,  
Seduz, arrebatava, inspira,  
Quando acorda a terra em cânticos,  
Aos raios vivos do sol!

Pois tudo se anima agora,  
Tudo nasce com a aurora,  
Tudo é vida e tudo é luz;  
Só nesta face adorada,  
Inerte, fria, gelada,

Nem um só clarão reluz!

Ouviu Deus naquele instante  
A minha súplica ardente;  
Em teu lívido semblante  
Vi despontar docemente  
Um reflexo semelhante  
Ao que o sol derrama à tarde  
Sobre as nuvens do poente.

Prostrei-me a rogar então;  
E essa estrela de bonança,  
Essa casta divindade,  
Risonha irmã do infortúnio,  
Companheira da saudade,  
Que o mundo chama — Esperança —  
Senti-a no coração!

Com aquele sol esplêndido  
Que rompera a névoa densa,  
E com a alegria imensa  
Do mar, da terra, e dos céus,  
Quis de novo a Providência  
Que eu visse nos olhos teus  
O mundo, a luz, a existência!

Agora pois, neste instante,  
Agora, que lá distante,  
O sino da pobre ermida  
Dá sinal do fim do dia,  
Com a prece da *Ave-Maria*,  
Ergamos, ambos querida,  
Graças mil a Deus piedoso,  
Por te haver tornado à vida!



## FELIZ DE AMOR!

Não sabes que ao ver-te triste,  
E pensativa a meu lado,  
O rosto na mão firmado.  
E os olhos postos no chão,  
Calado, ansioso, anelante,  
Quero ler no teu semblante  
A causa da dor constante  
Que te oprime o coração?

Pois não basta o meu amor  
Para te dar a ventura?  
Responde: quando a luz pura  
Do sol vem beijar a flor,  
Não lhe acende mais a cor?  
Não lhe dá mais formosura?

Agora, quando se inflama  
Em teu peito aquela chama,  
À qual tudo se ilumina  
De viva, encantada luz,  
Dize: é quando, minha vida,  
Pálida, triste, abatida,  
A tua frente se inclina,  
E melancólica sombra,  
De mal contida amargura  
Nos teus olhos se traduz?!

Certeza de que és amada  
Com quanto poder na terra  
Em peito de homem se encerra,  
Tem-la em tua alma gravada!  
Então de fundo desgosto  
Por que vem nuvem pesada  
Carregar teu belo rosto?

Pois se ao vívido calor  
Do sol a rosa fulgura  
E redobra aroma e cor,  
Não te há de dar a ventura  
A chama do meu amor?!



### **VAIS PARTIR!**

Vais partir! cada instante que passa  
Aproxima o adeus derradeiro,  
Para mim neste mundo o primeiro,  
Que teus olhos proferem aos meus!  
Vais partir! nessas mórbidas pálpebras,  
Treme agora uma lágrima ansiosa,  
Já desliza na face formosa,  
Já teus lábios me dizem adeus!

Vais partir! contemplar esses campos,  
Que o sol vivo de abril ilumina,  
Ver as relvas da alegre campina  
Já cobertas agora de flor.  
Escutar as estrofes sentidas  
Que de tarde improvisam as aves,  
Recordar os instantes suaves  
De outros dias de encanto, e de amor.

Vais partir! vais tornar aos lugares  
Testemunhas de um céu de delícias,  
Que em suaves risonhas carícias,  
Para nós neste mundo brilhou!  
Cada flor, cada tronco viçoso,  
Cada espaço de relva florida  
Vai lembrar-te uma cena da vida,  
Um momento feliz que passou!

Quando for aos clarões da alvorada  
O perfume das plantas mais brando,  
Quando as aves voarem em bando,  
E cantarem ditosas no vale;  
Quando as águas correrem mais vivas,  
Pelo verde declívio do monte,  
Quando as rosas erguerem a fronte  
Animadas de um sopro vital...

Que saudade! ai que funda saudade  
Hás de ter desse tempo encantado,  
Em que bela e feliz a meu lado  
Viste as pompas da terra e dos céus!  
Quando a aurora era a pura alegria,  
Uma vaga saudade o sol posto,  
Quando meigo sorria teu rosto  
Se eu fitava meus olhos nos teus!

.....

Vais partir! cada instante que passa  
Aproxima o adeus derradeiro,  
Para mim neste mundo o primeiro  
Que teus olhos proferem aos meus!  
Vais partir! nessas mórbidas pálpebras,  
Treme agora uma lágrima ansiosa,  
Já desliza na face formosa,  
Já teus lábios me dizem adeus!



## A JÚLIA

(*Da Paqueta*)

Naquela deserta ermida,  
Que alveja na serrania,  
Deu sinal, Júlia querida,  
O sino da *Ave-Maria*.

Este som tão conhecido  
Da nossa inocente infância,  
Como agora vem sentido  
Trazer-me viva à lembrança,  
Toda essa doce fragrância  
Daquele existir de então!

Ai! lembrança não, saudade!  
Saudade Júlia, tão funda...  
Mas tão grata, que me inunda  
De ventura o coração.

Espera... se neste instante  
Mandasse à terra o Senhor,  
Anjo de meigo semblante,  
E aos dias daquela idade  
Nos tornasse o seu amor...  
Oh! responde-me, querida,  
Se quanto depois na vida  
De belo nos há passado,  
Não devera ser trocado  
Por esses dias em flor?!

Que lá vão! lembras-te ainda?  
Tu risonha doidejavas,  
Por entre as moitas de flores  
Como elas fragrante e linda.  
Quando o som pausado e lento  
D'*Ave-Maria* escutavas,  
Então naquele momento  
Aos pés da Cruz te prostravas!...

Que fronte de anjo era a tua  
Vista ao reflexo amoroso  
Dos frouxos raios da lua!  
Uma tarde, ao pôr do sol,

No recosto pedregoso  
Do monte nos encontramos;  
Lembras-te! essa hora bateu,  
Porém nós mal a escutamos!  
Os olhos, tu perturbada,  
Baixavas, e no semblante  
Não sei que luz te brilhava,  
Eu sei que naquele instante  
O prazer me enlouqueceu.

Oh! fatal loucura aquela!  
Tinha-me ali tão perdido,  
Que, sem mais ver, delirante  
Nos braços te arrebatei.

Não sei por onde vagava,  
Nem quanto, nem como andei;  
Só me lembra que a ventura  
Ali real me falava,  
E que aos incertos lampejos  
Das estrelas desmaiadas,  
Imprimi ardentes beijos

Nas tuas faces rosadas!  
Foi breve aquele delírio;  
Ao menos breve o julguei;  
E quando, outra vez à vida  
De sobressalto voltei,  
Desbotada como um lírio  
Pelos vendavais batido,  
Nos meus braços te encontrei!

---

## IMPROVISO

Por que lânguida essa frente

Descai, quando a tarde espira?  
Por que nesse olhar dormente  
Tua alma ingênua suspira?

Por quê? ai! por quê? responde;  
Que se amor do céu procura,  
Ei-lo; em meu peito se esconde;  
Vive, é teu, tens a ventura!

Verás como então brilhante,  
Seduz, toma vida, inspira,  
Esse teu belo semblante,  
Que apenas hoje se admira!



### A UM RETRATO

És tu, sim, o mesmo olhar,  
A mesma ardente expressão,  
Com que teus olhos sabiam,  
Tão habilmente ocultar  
O gelo do coração.

Como fascina o teu ser?  
Agora, que eu posso ver,  
Vejo bem que não és bela.  
Quem for buscar no teu rosto,  
A severa correção  
Que esta palavra revela,  
Tirar feição, por feição...

Não pode achá-la, bem sei.  
Oh! mas nessa viva luz,  
Que teus olhos ilumina,  
Há de achar, como eu achei,  
O fogo que nos seduz,

A chama que nos fascina!

E agora vais escutar;  
Agora, que a Providência  
Piedosa me quis salvar  
Dessa fatal influência,  
Vais saber como te amei!

Não é somente da glória,  
Das ilusões, da ventura,  
Que é doce narrar a história.  
Repassando na memória  
Tantas cenas de amargura,  
Vendo-as saltar palpitantes  
Ante meus olhos agora,  
Com toda a sinistra pompa  
Da vida que tinham dantes,  
Ao ver de quanto é capaz,  
Não sabes?... na própria dor,  
O coração se compraz!

Medindo o padecimento  
Do martírio atroz e lento  
Que me trouxe o teu amor,  
Se inda aterrado contemplo,  
As crenças que fui depor  
Sobre as aras desse templo,  
A dor do arrependimento  
Há de salvar-me da culpa  
Ante os olhos do Senhor.

Ai de ti! mil vezes mais  
És tu desgraçada agora!  
Viveste, reinaste uma hora,  
E com que império! jamais,  
Em delírio o pensamento  
Te fez julgar adorada

Como eu te adorei, jamais!

Ninguém neste mundo ousara,  
Erguer a mão para um culto  
Tão santo como eu criara!  
Tu foste a que, cega um dia,  
Por loucura e por vaidade,  
As crenças que nele havia,  
Destruíste sem piedade!

Punida estás, bem punida,  
Sabe pois que amor do céu,  
Amor como foi o meu,  
Encontra-se um só na vida!

Inda ao ver-te... porque não,  
Por que to devo ocultar?!  
Este morto coração,  
De novo sinto pular  
Em meu peito fatigado!

Enfim, se o destino agora,  
Quer que não possa existir  
Da esperança do porvir,  
Deixá-lo existir embora,  
Da saudade do passado!

Esse é meu como tu foste  
Na ilusão de tanto amor,  
E tu mesma, tu, que um dia  
Com semblante mudo e frio  
Lhe disseste o extremo adeus,  
Com quanto remorso e dor  
Hás de ter rogado a Deus  
Perdão de tal desvario!

E dizes tu que ao *dever*,

Sacrificaste a existência  
E sujeitaste o meu ser!!...  
Pois há dever neste mundo,  
Que aos olhos da Providência,  
Possa mais alto valer  
Do que aquele amor profundo  
Que tu fizeste nascer?!

.....  
.....

Quando foi? vivo o momento,  
E quanto então nos cercava  
Existe em meu pensamento:  
Era à tarde; o firmamento,  
De nuvens se carregava,  
E nos fragedos da costa  
O mar soturno quebrava.

Olhei-te, e vi nesse instante,  
Assumir o teu semblante,  
Aquela mesma expressão,  
Que de toda a natureza  
Fatal respirava então.

Pausada, lenta, glacial,  
A tua voz respondia,  
A tudo que eu proferia!  
E depois dos lábios teus  
Desprendeste um frio adeus!

Cuidaste sacrificar  
A Deus em tua loucura,  
Sem ver que foste apagar  
A chama dessa ternura  
Que só ele pode dar,  
E te atreveste a tentar  
O poder do criador,

Na obra da criatura!

Ai de ti! mil vezes mais  
És tu desgraçada agora!  
Viveste, reinaste uma hora,  
E desse império, jamais  
Na terra serás senhora!

---

**QUEM NÃO AMA, NÃO VIVE**

Pois não vês que se a luz do sol nascente  
À rosa na manhã desabrochada,  
Não ilumina as folhas, desbotada  
Fica na haste pendente,  
Sem perfume, sem vida abandonada?

Dize: então queres tu que a formosura  
Que o Senhor estampou no teu semblante,  
Sem renome, sem glória, passe obscura  
No mundo em que radiante  
Ostentar-se podia majestosa?  
Queres vê-la abatida como a rosa  
Que o sol não ilumina?

Pois o que falta a essa fronte bela?  
Oh! vais sabê-lo: — O amor!  
Que se anime e reviva à luz divina  
E verás se depois alguém ao vê-la  
Lhe nega o seu fulgor!

---

**AMANHÃ!**

Resta um dia, mais um dia,

Algumas horas ainda  
De amor, de ternura infinda!  
Amanhã nos olhos teus,  
Uma lágrima sentida;  
Em teus lábios, um *adeus!*

O instante da despedida  
Tão perto está!... Minha vida,  
Crava teus olhos nos meus,  
Um sorriso, um beijo ainda,  
Mais uma hora de ternura,  
De amor, de alegria infinda  
Antes desse longo *adeus!*

Adeus de tanta amargura!  
Sabe Deus! oh! sabe Deus,  
Quando outros dias virão,  
Tão gratos ao coração!  
Quando nessa face linda  
Verei sorrir a ventura;  
Mas agora um beijo ainda  
Antes que chegue o momento  
De soltar o extremo *adeus!*

Oh! tira do pensamento,  
A hora da despedida;  
Mais um instante de vida,  
De delícia e glória infinda!...

Amanhã!... ai! não te lumbres  
De tal dia de amargura!  
Crava teus olhos nos meus;  
Inda uma hora de ventura,  
De amor, de alegria infinda  
Sorrindo nos olhos teus:  
Um beijo, mais outro ainda,  
O derradeiro: oh! *adeus!*

---

## ANJO CAÍDO

Na flor da vida, formosa,  
Ingênua, casta, inocente,  
Eras tu no mundo, rosa!  
Quem te arrojou de repente  
Para o abismo fatal!  
Viste um dia o sol de abril;  
O teu seio virginal  
Sorriu alegre e gentil.

Ergueu-se aos clarões suaves  
Daquela doce alvorada  
A tua face encantada.  
Amaste o doce gorjeio  
Que desprendiam as aves,  
E no teu cândido seio  
Quanto amor, quanta ilusão  
Alegre pulava então!

Mal haja o fatal destino,  
Maldita a sinistra mão,  
Que em teu cálix purpurino  
Derramou fera e brutal  
Esse veneno fatal.

Hoje és bela; mas teu rosto  
Que outrora alegre sorria,  
É todo melancolia!  
Hoje nem sol, nem estrela,  
Para ti brilha no céu;  
Mal haja quem te perdeu!

---

## PIEIDADE!

Em torno da mesma ideia,  
Meu ardente pensamento  
Constantemente volteia.  
Que horas estas de tormento!  
E pode viver-se assim?  
Que força tens, coração?  
Pois tudo que sinto em mim  
És capaz de suportar?  
Oh! basta! por compaixão  
Deixa enfim de palpitar!



## BELEZA E MORTE

Quando Deus à terra envia  
Um anjo dos seus, é breve  
A vida que lhe confia.

.....

Como a flor branca de neve  
Que ao primeiro alvor do dia  
No prado desabrochou,  
Assim ela veio ao mundo,  
E tão rápida passou,  
Que deste rumor profundo  
Nem um som, nem um gemido  
Por esse anjo foi ouvido!  
Nasceu, e sorrindo amou!

Quem ao vê-la tão ditosa  
Tão feliz por ser amada,  
E tão feliz por amar,  
Bela, fragrante, viçosa,

Cheia de vida no olhar,  
De luz na face encantada;  
Quem diria que esse amor  
Seria a chama fatal,  
Que a devia enfim matar!?

Pobre florinha do vale,  
Da aurora ao primeiro alvor  
Nasceu, e sorrindo, amou,  
Mas com a tarde... expirou!



### ORAÇÃO DA MANHÃ

*(À filha do meu amigo Magalhães Coutinho)*

Vem re florindo a aurora;  
A voz do rouxinol,  
Mais inspirada agora,  
Saúda a luz do sol.

A perfumada aragem  
Beija no campo a flor;  
Tudo sorri à imagem,  
Do nosso criador.

No bosque as avezinhas  
Soltam os hinos seus;  
No berço as criancinhas  
Rezam também a Deus.

Por minha mãe, por ela,  
E por meu pai, Senhor!  
Dai-lhes propícia estrela,  
Glória, ventura, amor!

Cercai de mil delícias,

A sua vida enfim,  
Como eles de carícias  
Me tem cercado a mim.

As preces da inocência  
No céu ouvidas são;  
E a minha, oh Providência,  
Parte do coração,

Parte ao florir da aurora,  
Com a voz do rouxinol,  
Que se desprende agora  
Saudando a luz do sol!



## CARIDADE

*(À Excelentíssima Senhora Viscondessa de Asseca)*

Como avezinhas implumes  
Enjeitadas nos seus ninhos,  
Deixa a sorte os pobrezinhos,  
Sem lar, sem pão, sem carinhos  
De maternal coração.

Escutando os seus queixumes,  
Compassiva a Providência,  
Volve os olhos à inocência,  
E em sua eterna clemência  
Dá-lhes lar, ensino, e pão.

Mais vivos torna os desejos  
No seio da caridade,  
Que à desvalida orfandade  
Vai com sincera piedade  
Inundar de puro amor;  
Amor, que em cândidos beijos,  
Suavemente procura

Dar conforto na amargura,  
Aos que fez a desventura,  
Órfãos no berço e na dor.

A quem busca a Providência  
Para amparar o destino,  
Do que pobre e pequenino  
Se encontra sem luz, sem tino,  
Logo no mundo ao nascer!?  
Anjos de viva clemência,  
Que onde existe o sofrimento,  
Correm, voam num momento,  
A dar todo o sentimento,  
Que tais almas sabem ter!

São elas mães, são esposas,  
E recordando os carinhos  
Que tiveram seus filhinhos,  
Não podem ver pobrezinhos  
Sem amor, sem lar, sem pão!  
No berço desfolham rosas,  
Onde espinhos só havia,  
E o sol de pura alegria,  
Já de afetos alumia,  
Dos órfãos o coração.

Salve pois, oh Caridade!  
Que assim abres o teu seio,  
Àquele que sem esteio,  
À luz deste mundo veio  
Para viver na aflição.  
Salve casta divindade!  
Terna irmã da desventura,  
Que os suspiros da amargura  
Convertes à criatura  
Em risos de gratidão!

---

## BELA SEM CORAÇÃO

Era uma esplêndida imagem  
De olhos rasgados e belos;  
Negros, negros os cabelos;  
Boca gentil como a rosa,  
Que à luz da manhã formosa  
Sorri ao sopro da aragem.

Alta, graciosa, elegante,  
Um ar de tal distinção,  
Na figura e no semblante,  
Que eu disse comigo ao vê-la:  
Como esta mulher é bela,  
Sobretudo na expressão  
De palidez namorada,  
Que tem na face encantada!  
Esta sim, por Deus o juro,  
Esta há de ter coração!

A estação, o sítio, a hora...  
Era a hora do sol posto,  
E um frouxo raio de luz  
Vinha bater-lhe no rosto.  
A estação o meigo outono,  
Quando o prado se descora,  
No bosque cessa a harmonia,  
Quando tudo enfim seduz  
Com vaga melancolia.  
O sítio, ameno e saudoso,  
Onde livre a alma podia  
Dar-se inteira aos sentimentos  
De paz, de amor, de poesia!

Aproximei-me da imagem

Meiga, risonha, singela;  
Soltara a voz, era bela,  
Bela sim, vibrante e pura,  
Mas sem aquela ternura,  
Sem aquele sentimento,  
Que diz tudo num momento!  
Sem tremor, sem sobressalto,  
Voz que dos lábios saía,  
Dos lábios só, que se via,  
Não provir do coração;  
Voz sonora, porém fria;  
Bela sim, mas sem paixão.

Pois essa gentil figura,  
Esse pálido semblante,  
Essa expressão de ternura  
Que todo o teu ar respira,  
A luz do olhar cintilante,  
Dize enfim: quanto se admira,  
Quanto ao ver-te nos encanta,  
Será sem alma, e sem vida?!

Sorrindo me respondeu:  
Aqui não há coração!  
Mas eu vi que ele bateu  
Dessa vez precipitado  
Por que a sua nívea mão  
Tentou comprimi-lo em vão!  
E no olhar enamorado,  
E na voz que estremecia,  
Oh! Deus! o que não dizia  
A bela sem coração!



## PERDOASTE!

Anjo ofendido; outra vez,  
Volve teus olhos do céu  
Àquele que te ofendeu!  
Vê-lo abatido a teus pés,  
Anjo esquece, e compassivo,  
Num sorriso de perdão,  
Torna a dar-lhe o coração.  
A cada instante mais vivo  
O remorso cresce em mim;  
Perdoa, oh! perdoa, enfim!

Ofendi-te num momento  
De terrível desvario;  
Era o ciúme violento!  
O rubor da castidade  
A tua face afrontava,  
E eu cego, eu perdido, ousava  
Prosseguir! oh! por piedade,  
Por piedade, anjo do céu,  
Perdoa a quem te ofendeu!

Em breve a razão voltou,  
E com ela essa ansiedade  
Do desgraçado que ousou  
Num momento de loucura  
Ofender a divindade.  
Nas trevas da noite escura,  
Nem ao menos uma estrela,  
Brilhava serena e bela!  
E eu caminhava em delírio  
Sem força para acabar  
A vida que era um martírio!  
A tão profunda amargura  
Quem me podia arrancar,

Quem, senão um teu olhar?

Lá, nas sombras do horizonte,  
Despontou por fim a luz,  
A mesma que em tua fronte  
Bela e plácida reluz.  
No peito aflito e cansado  
Senti dilatar-se então  
Este opresso coração;  
O teu olhar adorado  
A mim outra vez volveu,  
Terno, meigo, apaixonado.  
Perdoaste, anjo do céu!

---

### TRÊS RETRATOS

*(Num álbum)*

Como as horas passam rápidas  
Nesta doce companhia!  
Brilha impaciente alegria  
Em tudo à roda de mim.  
Nunca fui tão venturoso,  
Nunca a mão da Providência  
Fez com que eu visse a existência  
Tão bela e risonha enfim.

Esta noite, quando a lua  
No horizonte resvalava,  
Inspirado a saudava  
Nas balsas o rouxinol.  
Vem agora a primavera  
Abrindo o virgíneo manto,  
Cada dia um novo encanto  
Nos traz o romper do sol.

Como a vida assim é bela,  
Nesta amena convivência,  
Com três anjos de inocência  
De formosura, e de amor!  
Dezesseis anos talvez  
Não tem Júlia, bem contados,  
Alta, airoso, olhos rasgados,  
E sorriso encantador.

O pesinho estreito e breve  
Cinturinha delicada,  
A fronte um pouco inclinada,  
Com seu ar sentimental.  
Na ramagem das pestanas  
Oculta a traidora chama,  
Que no instante em que se inflama  
Dardeja um raio mortal.

Mas que morte tão suave!  
Inda há pouco, em certa hora,  
Que essa chama sedutora  
O coração me acendeu...  
Se é morte esquecer a terra,  
Naquele instante morria,  
Por que tudo o que sentia,  
Era a ventura do céu!

Vê-la sorrir entre os campos,  
Bela, cândida, animada,  
Como as flores que a alvorada  
De sua luz inundou!...  
Vê-la, com as mãos impacientes,  
Afastar do rosto belo,  
O basto e fino cabelo,  
Que a aragem desalinhou!

Vê-la depois pensativa,

Quando túbio o sol declina,  
Na corrente cristalina  
Os olhos negros fitar!  
Vagas sombras de tristeza  
Que vem toldar-lhe o semblante,  
São tão belas nesse instante,  
Dizem tanto sem falar!

Laura, Elisa, as outras duas,  
Laura, pálida e morena,  
Baixa um pouco, mão pequena,  
Expressivas as feições;  
Os olhos claros e vivos,  
No seu brilho insinuante,  
Refletem a cada instante  
Milhares de sensações.

Eliza, a tímida Eliza,  
Que inocente singeleza,  
Que perfume, que beleza  
Naquela face gentil!  
Cabelos louros cendrados,  
Olhos desse azul escuro,  
Que é semelhante ao céu puro  
De um belo dia de abril!

As rosas da formosura  
Sempre vivas no semblante,  
O corpo esbelto e ondulante,  
Se é permitida a expressão;  
Uma tal ingenuidade,  
No seu todo se revela,  
Que em se olhando para ela,  
Bate alegre o coração.

Tirados daguerreotipo  
Não ficavam mais exatos

Decerto estes três retratos  
Que procurei desenhar;  
Qual porém é mais simpático,  
Mais perfeito, deve agora  
Dizê-lo a amável senhora  
Do livro onde os vou deixar.

Eu decerto não me atrevo!  
Nos olhos tem Júlia a chama  
Que nos sentidos derrama  
Torrentes de languidez!  
Laura... Eliza... mil encantos;  
Enfim, não sei qual prefiro,  
Não sei a que mais admiro,  
Sei que adoro a todas três!

---

## ADEUS

Vai-te, oh! vai sombra mentida,  
Para nunca mais volver!  
Vai-te, deixa-me na vida,  
Que esse teu estranho ser,  
Fatal sempre me tem sido,  
Fatal sempre me há de ser.

Qual era a traidora mão  
Que para ti me impelia?  
Eu desvairado não via,  
Ser aquele um fulgor vão  
Que no horizonte luzia?!  
Crente a vista repousava  
Na luz clara, intensa, bela,  
Que para a terra manava  
Do seio da meiga estrela,  
E que minh'alma inundava

Daquela celeste chama  
Que a vida e razão inflama  
No ardente fogo de amor!

Deixei-me cegar por ela;  
Quanto e como então vivia  
Ao grato e doce calor  
Dessa que assim me perdia,  
Não sei; porém sei que um dia,  
Numa hora de maldição,  
Não vi mais no firmamento  
O seu mentido clarão.  
Desvairado em tal momento  
Fugi sem norte e sem tino;  
Mas quem foge ao seu destino!?

Numa destas noites plácidas,  
Em que as estrelas fulgentes,  
Refletem vívida luz,  
À flor das águas dormentes;  
Em que o rouxinol seduz,  
Com as inspiradas endechas  
Soltando sentidas queixas,  
Dentre as balseiras virentes;  
Quando respira no ar,  
Do monte que o mato veste  
Aquele perfume agreste,  
Que é tão grato de aspirar;  
Quando enfim a natureza,  
No seu mais pleno vigor  
Ergue a Deus seu hino eterno  
De graças, de paz, de amor!  
Eu na minha alma abatida,  
Procurava, mas em vão,  
Uma só nota do canto  
Imenso da criação.

Debalde encontrar buscava,  
Naquela ardente ansiedade  
Em que o peito arqueja e cansa,  
No passado uma saudade,  
No porvir uma esperança!

Debalde a vista alongava,  
Pelo céu onde as estrelas,  
Resplandeciam tão belas!  
Em meu peito árido e morto  
O reflexo duma delas  
Nem sequer compenetrava!  
Fatigado, exangue, absorto,  
Sem luz, sem norte, e sem tino  
Prosseguia o meu destino!  
Quando ao chegar um instante  
Em que aflito a vista erguia,  
Dei com teu belo semblante,  
Pálido, triste, abatido,  
Que para mim se volvia  
Saudoso e compadecido.

Oh! tão fundo sentimento  
Brilhava nos olhos teus  
Que ao ver-te nesse momento  
Quem te não dissera um anjo  
Do céu à terra descido,  
E que volve arrependido,  
Outra vez aos pés de Deus!

Lá, na extrema do horizonte  
Vinha então rompendo a lua;  
Melancólica a luz sua,  
O teu semblante inundou;  
E nunca no prado ou monte,  
Aquela face formosa,  
Outra tão pálida rosa

De um reflexo iluminou!

Contemplava-te perdido,  
De esperança, amor, e gosto,  
Quando teu lânguido rosto,  
Pouco a pouco se animou;  
E a tua voz docemente  
Murmurando ao meu ouvido,  
De novo um amor ardente  
Outra vez me protestou.

Hesitava em crer-te ainda;  
Mas o pobre coração,  
Quando se vê na desgraça  
Encontra a crença tão linda!  
A plenos tragos a taça,  
Desse filtro enganador  
Ansioso esgotava então,  
Sem me lembrar que no fundo,  
Estava o fel da traição.

Vai-te, adeus, pálida sombra,  
Vai, porque este coração,  
Por tuas mãos lacerado,  
Com a tua vista se assombra,  
E de ti foge aterrado!

---

### A VISÃO DO BAILE

Foi num baile que a viste cercada  
De perfumes, de luz, de harmonia,  
Onde viva, impaciente alegria,  
Nos semblantes andava a saltar;  
E ela triste, abatida, indolente  
Entre as pompas da festa encantada,  
Com a tristeza na face estampada,

E infinita saudade no olhar.

Ai! que luz! que expressão nesses olhos  
Quando instantes nos teus se cravaram!

De repente em tropel acordaram  
Mil afetos no teu coração!  
E debalde a seu lado quiseste  
Revelar o que n'alma sentias,  
As palavras, a voz eram frias  
Para aquela infinita paixão.

Dessa noite os instantes voaram,  
Entre amor, entre glória e ventura,  
E no fim com que imensa ternura,  
Seu olhar para ti se volveu!  
É que havia chegado o momento  
De deixar essa estância inundada  
Dos primeiros clarões da alvorada,  
Que já vinha rompendo no céu

Mas depois, quando o sol desse dia  
Desmaiava nas veigas virentes,  
Quando as aves soltavam gementes  
A voz doce nas balsas em flor,  
Não a viste assomar à janela,  
E sorrindo, mirar-te um instante?  
Não brilhava naquele semblante,  
Um sublime reflexo de amor!?

No sonoro recinto do templo  
Quando as preces sinceras subiam,  
Quando os hinos sagrados se ouviam  
Aspirando suaves aos céus,  
Não ouviste dizer-lhe: Sou tua,  
Ante Deus, ante os olhos do mundo  
Que este afeto suave e profundo,  
Vem do céu e é bendito de Deus!

Hoje pois, que na luz desses olhos,  
Nessas fontes de amor e candura,  
Encontraste na terra a ventura,  
Cuidas tu em deixá-la, e partir?  
Oh! não vês que é fatal o destino,  
Que chegou para ti essa hora  
De encontrar a mulher sedutora  
Que te deve encantar o porvir?

Ai, poeta, de balde procuras  
Esquecer a visão adorada;  
Ai! de balde! tua alma inspirada  
Outra igual neste mundo encontrou!  
São irmãs, e com a mesma ternura  
Viverão abraçadas no mundo,  
Num afeto sincero e profundo  
A suprema vontade as juntou!



## RECEIOS

Às vezes, quando a teu lado  
Comparo a expressão que outrora  
Tinha teu rosto adorado,  
À sua expressão de agora...  
Não sei que tristeza vaga  
Que impressão sentida e funda,  
O meu coração esmaga!  
Oh! mas sei que a alma se inunda  
De uma súbita amargura,  
De uma tal angústia e dor,  
Que toda a luz da ventura,  
Que me vem do teu amor  
Toda com ela se apaga!  
Loucuras serão, delírio

Deste ardente imaginar;  
Serão, sim; mas o martírio,  
Com que me sinto acabar,  
Só tem poder tua mão  
Para de todo o findar  
Neste opresso coração!

---

### LEMBRAS-TE?

Lembras-te? frouxa expirava  
Aquele doce harmonia  
Que em nossas almas entrava.  
De uma luz tão resplendente  
Teu límpido olhar brilhava,  
Como a da aurora nascente,  
E aurora gentil sorria,  
No meigo azul de teus olhos  
Para raiar entre rosas  
Fragrantes e sem abrolhos.

Quando mais ténue partiu  
A cadência saudosa,  
Tua boca proferiu  
Não sei que cortadas falas,  
Que o ouvido não sentiu,  
Porque vieste gravá-las  
Com a voz do céu no peito,  
Que a ti rendido e sujeito  
Anelando tas ouviu.

Ao proferi-las, dormente  
O teu olhar descaíra,  
E em teu pálido semblante  
A expressão se refletira  
Dos afetos que agitavam

A tua alma nesse instante.  
Ai! nesse instante do céu,  
Que à terra breve fugira,  
Que a ele inteiro volveu!

No horizonte estremeciam,  
Ébrias de amor as estrelas,  
E teus olhos se fitavam  
Na luz cintilante delas;  
É que no céu procuravam  
O eterno daquele instante  
Que na terra pressentiam  
Que passaria inconstante.

O alvor da nascente aurora,  
Que no horizonte assomava,  
Das estrelas desmaiava  
A viva luz, e inda agora,  
Tenho em minh'alma, querida,  
A expressão com que me olhaste  
Apontando para ela!  
É que essa aurora tão bela  
Não brilhava mais na vida!

---

### POIS SER PÁLIDA É DEFEITO?

Pois ser pálida é defeito?  
E de todo o coração,  
Diz, pondo a mão sobre o peito,  
Que um rostozinho desfeito  
Não pode inspirar paixão?

Ora diga: a rosa é bela  
Quando o sol lhe acende a cor,  
É bela sim, mas ao vê-la

Desmaiar n'haste singela  
Não lhe inspira mais amor?

Viçosa, fresca, orvalhada,  
De manhã é toda luz;  
Mas à tarde desmaiada,  
Com a palidez namorada,  
Oh! quanto mais nos seduz!

Está convencida vejo,  
Deveras não, inda não?  
Pois se é todo o seu desejo  
Ser corada, dê-me um beijo,  
E verá se cora ou não!

Por que esconde o rosto lindo?  
Santo Deus! descubra-o já!  
Aposto que vai sentindo  
Um certo rubor subindo...  
Ai! como corada está!

Neste espelho, olhe-se agora,  
Veja bem que linda cor;  
Quando nasce a fresca aurora,  
A luz que a face lhe cora,  
Não tem mais vivo fulgor.

Sorri-se a furto, bem vejo,  
Oculta o rosto na mão:  
Pois vamos, agora um beijo,  
Quem cumpriu o seu desejo,  
Não merece, diga, não?



## DEVER

Sê bem vinda estação melancólica!  
Sê bem vinda! minh'alma abatida,  
No teu seio procura essa vida,  
Que tão bela, e tão breve passou!  
Oh! são estes os campos formosos,  
É bem este o deserto mosteiro,  
Onde ouvira o adeus derradeiro  
Que teu peito anelante soltou!

Já nas folhas do bosque frondoso  
Se desbota a risonha verdura,  
E com a aragem que à tarde murmura,  
Vão caindo dispersas no chão.  
Já nos campos de todo cessaram,  
Os modilhos da ingênua avezinha,  
Que nas moitas espessas se aninha,  
Presentindo a invernosa estação.

Que saudade na luz que desmaia,  
Nestes campos sem viço nem flores,  
Quando à tarde os incertos fulgores  
Do sol túbio resplendem no céu!  
Que saudade na aragem agreste,  
Que deriva do cimo do monte,  
E no azul deste vasto horizonte,  
Onde pálida a lua rompeu!

Foi aqui nestas margens viçosas  
Hoje tristes, desertas, sombrias,  
Que sorriram os únicos dias,  
Para mim de ventura e de amor;  
Quando tu inspirada a meu lado  
Caminhavas com trêmulo passo,  
E firmando-te alegre ao meu braço

Davas graças da vida ao Senhor.

Era aqui, junto à cruz mutilada,  
Aos extremos reflexos do dia  
Quando o sino da ermida se ouvia  
Dar sinal da singela oração,  
Que tu vinhas prostrar-te soltando  
Com voz flébil a prece sentida,  
Pelo bem, pelo amor, pela vida,  
Dos que a sorte deixou na aflição.

E depois nos meus olhos cravando  
Os teus olhos de pranto orvalhados  
Os protestos mil vezes jurados,  
Vinhas mais uma vez proferir;  
Nesse esforço baldado do espírito,  
Que nas frases da terra procura  
Expressar a celeste ventura,  
Que somente se pode sentir.

E pensar que este céu de delícias  
Se acabou para nós na existência!  
Que não temos mais nada que a essência  
Da saudade que dele ficou!...  
Ver que a mão de um poder sobre-humano,  
Nos traz cegos do mesmo delírio,  
E votarmos a vida ao martírio,  
Porque o mundo um fantasma criou!!

Pois se Deus quis ligar nossas almas,  
Se é fatal que elas sejam unidas,  
Queres tu desprender duas vidas  
Que se acharam irmãs ao nascer?  
Vês que foi a suprema vontade  
Que as juntou num abraço divino,  
E ousas tu, desvairada e sem tino,  
Separá-las à voz do *dever*!

O *dever*?! O dever mais sagrado  
E mais santo que temos no mundo,  
É mantermos o afeto profundo  
Que dum sopro divino nasceu;  
Atentar contra a sua existência,  
Debelar sem piedade essa vida,  
Não será como ser suicida  
E afrontar a vontade do céu!?

Sobre as aras de um templo mentido,  
Num altar pelos homens criado,  
Vais queimar quanto há puro e sagrado,  
Por um falso julgar da razão!  
Sem pensar no teu crer insensato  
Que não pode jamais ser extinto,  
Este amor tão profundo que eu sinto  
E tu sentes com a mesma paixão!

.....

Oh! de novo a meu lado, querida,  
Volve, enquanto no céu e na terra,  
Nos agrestes perfumes da serra,  
A suave estação respirar!  
Volve pois, porque as veigas frondosas  
Não perderam de todo a verdura,  
E inda a mesma infinita ventura  
Neste sítio hás de agora encontrar.



**À MORTE DA EXMA. SRA. D.  
M. HENRIQUETA DE CAMPOS VALDEZ**

Bela, graciosa e tímida,  
Na aurora da existência  
Rosa de grata essência

Sorrias em botão!  
A luz do sol esplêndido  
Vinha inundar-te a frente,  
Suave e docemente  
Beijar-te a viração!

Como os afetos íntimos  
Da maternal ternura  
Enchiam de ventura,  
A tua vida em flor!  
E como a face cândida  
Serena, refletia  
A mágica poesia  
Dessa alma toda amor!

Dos pensamentos lúgubres,  
Das ambições da terra,  
Das mágoas que ela encerra,  
Dos crimes que contém,  
Jamais a teu espírito  
Chegará o som profundo,  
Anjo descido ao mundo  
Só para amar o bem!

Um dia, a imensa abóbada,  
Azul e resplendente,  
Toldou-se de repente  
Ao sopro do tufão!  
Era o primeiro frêmito,  
Núncio da tempestade,  
Que vinha sem piedade  
Rosa, lançar-te ao chão.

Ao ver abrir-se o túmulo  
Sorrias sem receio,  
E se a teus olhos veio  
Funda expressão de dor,

Foi quando a boca trêmula  
Da mãe que te perdia,  
À tua enfim se unia,  
Com mais profundo amor!

Então, como ela, pálida,  
Soltando o extremo alento,  
Volveste num momento  
À glória perenal!  
E logo fria, gélida,  
Sem ter nem cor nem vida,  
Pareceste adormecida,  
No seio maternal!



## PARISINA

*(A Pedro Jacome Correa, meu caro amigo)*

A ideia de empreender a imitação deste belo romance do autor do Childe Harold, devo-a ao meu amigo. A obra teria ficado em meio, se não fossem os desejos que manifestou de vê-la concluída. É por isto que tomo a liberdade de lha oferecer agora que vou dá-la ao público.

Chamo-lhe imitação, porque me parece mais modesto o título, posto não seja essa a opinião geral, nem talvez fosse a minha noutras circunstâncias. Nesta porém, creio que mais distante ficaria do original, quanto mais escrupulosamente intentasse aproximar-me dele.

Não sei se faço perceber bem a minha ideia: entendo que interpretar as obras do gênio, é mais difícil do que imitá-las de longe. A tradução deve ser a cópia fiel; e como copiar os arrosos do maior poeta que tem tido este século?! Ainda assim procurei, quanto pude seguir o pensamento predominante da composição, e conservar alguns toques da cor primitiva do quadro. Não sei se o alcancei. Se

numa ou noutra passagem menos infeliz da minha tentativa o leitor sentir aquele sabor particular que se encontra em todas as composições do grande poeta, dar-me-ei por satisfeito; se, como é mais provável, nem isso houver conseguido, terei o castigo na indiferença pública. Com o que eu decerto conto é com a benevolência do meu bom amigo para desculpar a insignificância desta oferta ao

*Seu do coração,*  
*Janeiro de 1857.*  
BULHÃO PATO.

---

## PARISINA

*(Imitação)*

### I

É na hora, em que a voz bela e sentida  
Do meigo rouxinol, entre a folhagem  
Das balsas escondido, solta ao vento  
A saudosa canção do fim do dia:  
Hora solene e grata em que os amantes  
Renovam mil protestos de ternura,  
De constância e de amor; em que o sussurro  
Da fresca viração vai confundir-se  
Com o murmurar da trepida corrente.  
De cristalino orvalho borrifadas,  
As vicejantes flores da campina  
Mais vivo aroma espargem no ambiente.  
Acendem-se no céu milhões de estrelas,  
É mais escuro o azul à flor das vagas,  
E a verdura do bosque é mais sombria.  
Entre as trevas e a luz, o firmamento  
Jaz velado por lânguido crepúsculo,  
Que rápido se esvai nos frouxos raios  
Da lua, despontando no horizonte.

## II

Mas não é para ouvir os doces carmes  
Do amoroso cantor, que Parisina  
Do palácio feudal ao parque desce;  
Nem para contemplar a luz brilhante  
Das trêmulas estrelas, que divaga  
Por entre as sombras que difunde a noite.  
Se procura um desvio na espessura,  
Não é para aspirar o vivo aroma  
Das matizadas flores; e se escuta,  
Não é decerto para ouvir das águas  
O brando murmurar. Sons mais queridos  
Espera o seu ouvido nesse instante.  
Rangendo as folhas secas denunciam  
Que se aproxima alguém: empalidece  
De susto e de prazer ao mesmo tempo.  
Dentre as ramas que a brisa doidejante  
De espaço a espaço agita, mansamente  
Parte enfim uma voz: é voz amiga;  
De súbito o rubor lhe volta às faces,  
E mais livre, porém não menos forte,  
Bate-lhe o coração no peito agora.  
Mais um momento só é já passado,  
Aos pés da bela jaz o cego amante.

## III

O céu, a terra, os homens, quanto os cerca,  
Que lhes importa nesse doce instante?  
Tudo é nada a seus olhos deslumbrados  
Pelo fogo do amor; tudo se perde,  
Se confunde, e se esvai nesse delírio!  
Nos suspiros que vem do fundo d'alma,  
Nesses mesmos, respira tal ventura,  
Que, se fosse mais longa, dentro em pouco  
A vida ou a razão sucumbiria!

Oh! quem sente lavrar dentro do peito  
O fogo da paixão com tanto império,  
Não pensa na desgraça, nem se lembra  
Da curta duração de tais enganos!  
Ai! quantas vezes despertamos antes  
De saber que não volta o mago sonho!!

#### IV

Vão partir: vão deixar com passos lentos  
O encantado lugar que presenciara  
O seu transporte em delirante crime.  
Vão partir: e apesar dos mil protestos,  
Da esperança que em breve hão de juntar-se,  
Dor profunda no peito lhes comprime  
Agora o coração, como se fosse  
Aquela a derradeira despedida.  
Parisina, cravando os olhos lânguidos  
No firmamento azul, treme, sentindo  
Que aquele céu não pode perdoar-lhe.  
Ele outra vez a cinge contra o peito;  
Um suspiro, um adeus, inda outro beijo,  
É forçoso partir, levando n'alma  
Os amargos, cruéis pressentimentos,  
Que de perto acompanham sempre o crime.

#### V

Tranquilo no seu leito solitário,  
Hugo repousa, e pode sem receio  
Livrementemente soltar o pensamento.  
Porém ela descansa a fronte pálida  
Das fadigas do amor, junto do esposo.  
Sonhando, em voz sumida solta um nome,  
E supondo estreitar contra seu peito,  
Agitado e febril, o terno amante,  
Entre os braços comprime esse que dorme  
Agora ao lado seu. Súbito acorda  
À suave impressão do meigo abraço

O esposo que se julga idolatrado,  
Até nos sonhos da adorada esposa!

## VI

Sobre o seu coração com quanto afeto  
Reclina aquela fronte encantadora!  
Com quanto afã procura ouvir as frases,  
Que de seus lábios solta entrecortadas!  
Mas... que ouviu? Santo Deus! Nesse momento,  
Azo, o altivo senhor, estremeceu  
Como tendo escutado a voz do arcanjo!  
Oh! deve estremecer, porque a sentença,  
A sentença fatal que os seus ouvidos  
Acabam de escutar, vai despenhá-lo  
Para sempre no abismo da desgraça!  
O nome que ela em sonhos proferira,  
Que soara tremendo como a vaga,  
Quando arremessa aos côncavos rochedos  
A débil prancha que sustenta o naufrago,  
Esse nome qual foi? O nome de Hugo;  
Hugo, o filho da pobre e linda Branca,  
Que o príncipe iludiu, e sem piedade  
Depois abandonou! Hugo, seu filho,  
Fruto inocente de um amor culpado!

## VII

Azo arranca o punhal, mas para olhando-a!  
Quem pudera imolar um ser tão belo?!  
Oh! ninguém! Apesar do negro crime,  
Da nefanda traição, faltam-lhe as forças,  
Ao contemplá-la assim adormecida.  
Nem a acorda sequer, mas por instantes  
No seu rosto encantado crava os olhos.  
Se de súbito agora despertasse,  
A infeliz nesse olhar sentira a morte!  
Pela frente do príncipe traído,  
Frio corre o suor, e à luz da lâmpada

Estremecem brilhando as grossas bagas.  
E ela dorme! Oh! mal sabe que os seus dias  
Nesse instante fatal foram contados!

### VIII

Assim que o sol desponta no horizonte,  
Azo corre a indagar pelos que o cercam,  
E as derradeiras provas aparecem.  
As aias da princesa, largo tempo  
Coniventes no crime, revelaram  
Quanto havia de oculto nesse drama.  
Não tem que duvidar! Azo, escutando  
A longa história de tão negro crime,  
Sente em ondas subir-lhe o sangue às faces,  
Que de profunda cólera se inflamam.

### IX

Na vasta sala do feudal palácio  
O orgulhoso Senhor da casa deste,  
Sobre o purpúreo trono está sentado.  
Nobres, pajens, soldados o circundam,  
Os olhos crava nos culpados ambos,  
Ambos jovens e belos. Duros ferros  
Tem sujeitos os pulsos do mancebo,  
Que fora brutalmente desarmado  
Por mercenárias mãos da nobre espada.  
Na presença de um pai é deste modo  
Que deve, oh Cristo, apresentar-se um filho?!  
Porém, Hugo infeliz, nesse momento,  
Tem de ouvir a sentença incontrastável  
Dos lábios paternais, prestar ouvidos  
À triste narração do seu opróbrio!  
E contudo a expressão do nobre rosto,  
A distinta altivez conserva ainda!

### X

Pálida, sem alento e silenciosa,  
Aguarda Parisina nesse instante  
As palavras fatais. O seu destino  
Quão rápido mudou! há pouco ainda,  
Daqueles olhos a celeste chama  
Pelos salões dourados espargia  
A meiga sedução. Se nesses olhos  
Visse alguém borbulhar uma só lágrima,  
Mil cavaleiros da mais nobre estirpe,  
Arrancando da espada, a vingariam!  
Mas agora, infeliz! quantos a cercam,  
Mal disfarçam no rosto carregado  
A contida expressão do seu desprezo!  
E ele, o amante adorado da sua alma,  
Ele, oh Deus! que liberto por instantes,  
Por instantes que fosse, a houvera salvo,  
Jaz preso ao lado seu em duros ferros!  
Jaz ali, mas não vê que aquelas pálpebras  
Onde outrora fugia a cor suave  
Da terna violeta, convidando  
A mil sequiosos, demorados beijos,  
Se intumescem, velando a vista imóvel  
Das pupilas, nas quais a dor intensa  
Acumula uma lágrima após outra!

## XI

Oh! por ela também, nesse momento,  
Derramara o infeliz amargo pranto,  
Se de tantos a vista a não cercasse.  
A dor que o devorava, parecia  
No mais íntimo d'alma adormecida;  
A fronte macilenta e transtornada,  
Conservava-se ativa. Por mais forte,  
Mais acerbo que fosse o seu tormento,  
Não quisera humilhar-se na presença  
Daquela multidão que o contemplava.  
A companheira bela de infortúnio,

Não se atrevia a olhar. Ao recordar-se  
Das horas do passado, do seu crime,  
Da vingança de um pai, do seu destino,  
E sobretudo do destino dela,  
Não ousava lançar sobre esse rosto  
A desvairada vista, receando  
Que, cedendo ao remorso, revelasse  
Quanto o seu coração fora culpado.

## XII

Azo enfim solta a voz:  
Há pouco ainda,  
Numa esposa e num filho resumia  
Toda a minha ventura neste mundo.  
A aurora dissipou tão belo sonho!  
Antes do pôr do sol, nem um nem outro  
Me devem pertencer. Quebrem-se embora,  
As ligações mais caras da minh'alma!  
Hugo! um padre te espera, e depois dele  
A justa punição do teu pecado.  
Ergue preces ao céu antes que o lume  
Das estrelas se acenda no horizonte:  
Talvez te dê perdão. Mas neste mundo  
Não existe lugar onde possamos  
Nós ambos respirar. Adeus, não quero  
Assistir ao teu último momento!  
Porém tu, frágil ser, ensanguentada  
Terás de ver cair essa cabeça.  
Vai, traidora mulher; sobre a tua alma  
Pese o remorso da desgraça dele!  
Vai-te, adeus, e se podes, contemplando  
Este exemplo fatal, ter vida ainda,  
Goza dela, que livre ta concedo!

## XIII

Velando a face pálida e sombria,  
Onde as veias inchando palpitavam,

Como se o sangue em ondas refluísse  
Do coração à frente, Azo ficara  
Calado longo tempo. Hugo, soltando  
Profunda, porém firme, a voz do peito,  
Roga ao pai que o escute alguns momentos.  
O príncipe em silêncio lho concede:

Tu bem sabes que a morte não receio;  
Tinto em sangue mil vezes nas batalhas  
Me viste ao lado teu, onde mais forte,  
Mais travado e mortal, era o combate.  
Então deves lembrar-te que esta espada,  
Que há pouco os teus escravos me arrancaram,  
Derramara mais sangue do que em breve  
Fará correr a mão do teu carrasco.  
Deste-me a vida; arrancas-ma; que importa?  
Quite me deixas desse dote infame!  
Presente, viva tenho na memória  
A injúria com que as faces afrontaste  
De minha pobre mãe; e a vil herança  
Que recebi no berço, inda me acende  
O semblante de cólera e vergonha.

No túmulo onde agora ela repousa,  
Irá juntar-se em breve o meu cadáver.  
Transido o peito seu por mil desgostos,  
Separada do corpo esta cabeça,  
Entre os mortos dirão até que ponto  
Foste amante fiel, pai carinhoso.

Ultrajei-te, é verdade, mas bem sabes  
Que trocamos afronta por afronta.  
A mulher a que chamas tua esposa,  
Vítima ingênua do teu fero orgulho,  
Não te lembras que fora largo tempo  
Destinada a ser minha? Mas tu, vendo-a,  
Contemplando o seu rosto, desejaste-a,

E para enfim provar que não podia  
Pertencer-me jamais ousaste afoito,  
Alegar o teu crime e a minha origem.

Era indigno de ser esposo dela!  
E por quê?! Por que as leis não consentiam  
Que eu pudesse aspirar ao trono deste.  
E contudo, se a mão da Providência  
Me conservasse a vida, dentro em pouco  
Pudera conquistar decerto um nome  
Tão nobre como o teu. Tive uma espada,  
E sobeja ambição para elevar-me  
Com ela aos feitos de sonhada glória.  
Bem sabes que as esporas mais brilhantes,  
Nem sempre as traz aquele que nascera  
Embalado na púrpura, e que as minhas,  
O corcel que montava, por mil vezes  
Avante arremessaram dos mais nobres,  
Mais valentes senhores, quando, lembras-te?  
Carregando eu bradava: *Este e vitória!*  
O meu crime conheço, e não procuro  
Minorá-lo, descansa, nem tão pouco  
Implorar-te alguns dias de existência,  
Rápidas horas que sem ser contadas  
Passarão sobre a pedra do meu túmulo!

Delírio, como foi o do passado,  
Não podia ser longo. A minha origem,  
O meu nome, não são de mancha isentos;  
Mas contudo, apesar do teu orgulho,  
Rejeitar perfilhar-me!... nesta face,  
Quais olhos não verão que sou teu filho?  
A minh'alma também de ti procede!  
De ti, sim; por que tremes? de ti veio  
O indomável vigor do meu caráter.  
Não foi somente a vida que me deste,  
Porém quanto podia enfim tornar-me

Em tudo igual a ti. Contempla a obra  
Do teu culpado amor! Na semelhança,  
Semelhança fatal que vês no filho,  
Irada te castiga a Providência!  
Esta alma não é pois a dum bastardo,  
Como a tua não sofre a tirania.  
O passageiro sopra da existência,  
Nunca em mais o prezei do que tu próprio,  
Quando juntos na força do combate,  
A galope os corcéis, a espada em punho,  
Por mil vezes nas renques do inimigo  
Rompendo a ferro frio penetramos.

O passado acabou, e dentro em pouco  
O futuro com ele irá juntar-se,  
Mas oxalá que a mão do Onipotente  
É houvesse dado a morte em tais instantes!

Era pouco deixar-me órfão no mundo  
Do afeto maternal; ousaste ainda  
Arrebatá-me a noiva! Mas que importa?  
Sou teu filho, conheço-o neste instante,  
E a sentença cruel que proferiste,  
Posto venha de ti, não posso agora,  
No fundo de minh'alma achá-la injusta.

No pecado nasci, morro na infâmia;  
Por onde começou, termine a vida.  
Errando o filho, o pai também errara;  
Num, castigas os dois. Perante os homens  
Eu, quem sabe? serei o mais culpado,  
Porém Deus julgará entre nós ambos.

#### XIV

Cruzando as mãos no peito Hugo fizera  
Ressoar os grilhões, e dentre os chefes,  
Que a sala do palácio povoavam,

Não houve um só, que ouvindo esse ruído  
Deixasse de tremer. Depois cravaram  
Sobre a fatal beldade a vista a um tempo.

Parisina, infeliz! pálida e fria,  
Imóvel como estátua de alabastro,  
Dissemos que assistira à cena horrível,  
Da perdição do amante. Os olhos fixos,  
Cintilantes, abertos, desvairados,  
Nem sequer por instantes se volveram.  
Nem uma vez as pálpebras, cerrando-se,  
O fito olhar velaram; mas em torno  
Das pupilas azuis, e resplendentes,  
Sem cessar se alargava o alvo circo!

Uma lágrima a custo conglobada,  
Lentamente das pálpebras saía,  
Tremendo sobre a franja das pestanas:  
Quem o sabe contar? nesse momento,  
Os que a viam, pasmavam, não podendo  
Crer que a olhos de humana criatura,  
Fosse dado verter tão grossas lágrimas!

Quis falar, mas a voz morreu cortada:  
Contudo no som cavo que soltara,  
Nesse longo suspiro, parecia  
Que vinha o coração; após instantes  
Tentara inda outra vez, porém debalde!  
Do mais fundo do peito a voz partira  
Num grito, num gemido prolongado,  
E depois como a pedra, como a estátua  
Derrubada da base, como tudo  
O que é de vida falto enfim caíra  
Digno emblema do túmulo da esposa,  
Do traído senhor da casa deste!  
Porém não da mulher que sente n'alma  
O remorso do crime, e nele segue

Pelo ardor dos desejos instigada.

Do letargo fatal tornara em breve,  
Mas não para a razão; cada sentido  
Por dor intensa fora aniquilado.  
Como das cordas do arco umedecidas  
Lassas da chuva, as setas disparadas  
Vão bater ao acaso, assim do cérebro  
As magoadas fibras só soltavam  
Desvairados, e vagos pensamentos.

O passado, e porvir! Ermo o passado!  
Nas trevas do porvir apenas via  
Um sinistro clarão, de espaço a espaço,  
Semelhante ao do raio quando fende  
As nuvens conglobadas no horizonte,  
E cai sobre um lugar deserto e triste.  
Gelada de terror sentia n'alma  
O peso do remorso; que existiam  
A vergonha, o pecado, na consciência,  
Uma voz mal distinta lho lembrava;  
Que a morte estava ali pairando lívida  
Sobre alguém, nesse instante o pressentia.  
Sobre quem? Esquecera-o. Era a vida  
O sopro que seus lábios respiravam?  
Era o céu, era a terra, eram os homens,  
Que tinha ante seus olhos deslumbrados?  
Os homens, ou demônios que a miravam  
Com sinistra expressão? Eram os mesmos  
Cujos olhos noutro tempo revelava  
Tão suave, e profunda simpatia?  
Tudo era incerto e vago no seu ânimo,  
Receios, e esperanças insensatas;  
Agora um meigo riso, logo um pranto,  
E no seu desvairado pensamento,  
Cuidava ser aquele um sonho horrível  
No qual o coração se debatia.

Porém dele, oh! debalde procurara  
Acordar a infeliz jamais na vida!

### XV

Na torre pardacenta do mosteiro,  
Balançam lentamente agora os sinos,  
E o som profundo e triste dentro d'alma,  
Desperta dolorosos sentimentos.  
Por aqueles que à sombra do cipreste,  
Repousam para sempre, ou dentro em pouco  
Terão de repousar, o canto fúnebre,  
Que ouvis neste momento se desprende.  
Na terra úmida, e fria, ei-lo de joelhos;  
Ante os olhos o cepo, ao lado um padre!  
Braços nus o carrasco atento espera  
Pelo instante fatal; certo e forte,  
Deve o golpe cair. Horrível quadro!  
Mas contudo ao redor avidamente,  
A turba silenciosa se reúne,  
Para ver, Santo Deus! no cadafalso  
Por ordem de seu pai morrer um filho!

### XVI

É uma hora encantada a que precede  
O derradeiro adeus do sol esplêndido!  
Na pompa de seus raios fulgurantes,  
Parece escarnecer da cena horrível  
Que se aproxima de seu termo agora.  
Curvado aos pés do monge, em voz sumida  
Hugo profere a derradeira prece,  
Prece contrita, humilde, fervorosa.  
Nessa fronte inclinada e pensativa  
Bate um raio de luz, porém mais vivo,  
Mais brilhante reflete sobre a lâmina,  
Que próxima da vítima responde  
Por um forte, mas lúgubre, reflexo.

Como esta hora suprema é dolorosa!  
O crime fora atroz, justo o castigo;  
Mas contudo o suplício nesse instante  
Faz gelar de terror quem o contempla!

## XVII

As orações extremas acabaram;  
O filho ao pai traidor, o audaz amante,  
Tudo enfim confessou. Rápidas tocam  
As horas no seu último momento.  
As ondeadas madeixas de cabelo  
Já caíram no chão. O nobre manto  
Bordado pelas mãos de Parisina,  
Não deve acompanhá-lo à sepultura.  
Tentam vendar-lhe o rosto, não consente  
Esta final afronta. O seu orgulho,  
Comprimido no mais íntimo d'alma  
Pela expressão de fria indiferença,  
Acorda nesse instante, repelindo  
A mão do algoz que vem cobrir-lhe os olhos.

O meu sangue, culpado, é teu, pertence-te,  
Preso, algemado estou; com a vista livre,  
Quero ao menos morrer: “Fere” e dizendo  
No lugar do suplício inclina a fronte.  
Ao proferir esta palavra: “Fere”  
Brilha o ferro no ar; silvando o golpe  
Cai rápido e fatal. Rola a cabeça,  
O corpo palpitante e transtornado,  
Pula envolto no pó, que bebe o sangue  
Saído em borbotões pelas artérias!

Inda instantes os lábios estremecem,  
Nos olhos inda fulge a luz da vida;  
Tudo enfim acabou! Morto sem pompas,  
Como deve morrer o homem culpado  
Que se arrepende no momento estremo,

Ele o seu coração oprimido e triste  
A Deus somente consagrou nessa hora.

A imagem de seu pai, da própria amante  
O que eram à sua alma atribulada?  
Um sentimento das paixões terrestres  
Não viera turbar naquele instante  
A pura contrição do seu espírito,  
A não ser quando expondo a fronte nua,  
Ao cutelo do algoz quis ver a morte.  
Era o único adeus que proferira,  
Às testemunhas do cruel suplício.

### XVIII

A multidão gelada e silenciosa,  
Mal ousa respirar. Alguns gemidos  
Cortados, mas profundos, se escutaram;  
Nada mais, a não ser o som soturno  
Do cutelo batendo sobre o cepo.

Nada mais? houve um som, um grito horrível,  
Estridulo, selvagem, semelhante  
Ao da mãe, que de um golpe repentino  
Vê cair a seus pés sem vida o filho!  
O grito de quem foi, de onde partiu?  
De um seio feminino, e mais terríveis  
Não os solta jamais o desespero!

### XIX

Hugo jaz no sepulcro, e Parisina  
Dissera acaso eterno adeus ao mundo,  
Refugiando sua alma atribulada  
No silêncio da cela de um convento?  
O veneno, o punhal talvez seriam  
O severo castigo do seu crime?  
Ou sucumbira enfim nesse momento,  
Em que vira brandir o duro ferro

Sobre a adorada fronte? compassiva  
A mão da Providência permitiu,  
Que ao quebrar-se em seu peito confrangido  
De angústia o coração, se terminasse  
Também com ele a frágil existência?  
Não o soube ninguém. Aquela vida,  
Ai! de mim! acabara neste mundo  
Pela dor como a vida principia!



### A VALSA

Venceste: sou teu, bem vês  
Quão fácil foi a vitória!  
Cai-te rendido aos pés.  
E sem disputar a glória.  
Aos *golpes* da tua mão  
Expus logo o coração!

Venceste: sinto nas veias  
Correr o sangue agitado:  
Todo o fogo do passado  
Já nos sentidos me ateias.  
Submisso, humilde, sujeito  
Ao teu estranho poder  
Existe todo o meu ser!

Em ti palpita o meu peito;  
E a razão que me delira,  
Em ti vive, em ti respira,  
Com teu império a rendeste;  
Sou teu: venceste, oh! venceste!

Quanto tempo decorreu  
Desde aquela hora maldita?  
Quanto tempo esta alma aflita

Na angústia se debateu,  
Sem que um sorriso, um olhar  
A viesse consolar!

Em vão buscava no céu  
As cintilantes estrelas;  
Não via em nenhuma delas  
Nem formosura, nem lume,  
E no prado por mais belas  
Que se ostentassem as flores,  
Para mim não tinham cores,  
Nem encantos, nem perfume!

.....

Uma tarde, era o sol posto,  
Vi-te assomar à janela;  
Depois inclinar o rosto  
Sobre a mão graciosa e bela,  
E contemplar fascinada,  
A natureza encantada.

A aragem com brando alento  
Agitava os teus cabelos,  
E julguei nesse momento  
Ver-te à flor dos olhos belos  
Estremecer cristalina  
Uma lágrima divina!

Sobre o cimo flexuoso  
Do monte se refletia  
Ainda o clarão saudoso  
Do brando expirar do dia,  
Quando afogueada rompeu  
A lua no azul do céu.

Teu seio batia inquieto,  
E eu senti no coração

A chama do antigo afeto  
Rebentar como um vulcão!  
De repente os olhos teus  
Se volveram para os meus.  
Quisemos falar, a voz  
Nenhum a pôde soltar;  
Mas que não dissemos nós  
Naquele inspirado olhar!...  
Uma só vez na existência  
O diz a muda eloquência!

.....  
.....

Entrei no baile! a alegria  
Saltava no teu semblante,  
Quando a valsa delirante  
Rompeu no vasto salão!  
Era aquela melodia,  
Que tanta vez a teu lado  
Me fez bater agitado  
De entusiasmo o coração!  
Ergueste a fronte animada,  
E em teu rosto se trocou  
A palidez namorada  
Pelo fogo da paixão!  
Como o teu olhar falou  
Antes que dissesse a voz:  
Oh! tua outra vez eu sou!

Depois no giro veloz  
Da dança vertiginosa,  
Como a tua voz formosa  
Sobressaltada tremia!  
Como em tua alma eu vivia!...  
É que nesse instante Deus  
Quis unir as nossas vidas  
Por um amplexo dos céus!

No horizonte esmorecidas  
As estrelas desmaiavam  
Com os resplendores da aurora  
Que já no céu despontavam.  
Naquela encantada hora  
Expirou nos lábios teus  
Um suspiro, e um adeus!  
Um adeus, que prometia...  
Mas quem pode revelar  
O que nele se dizia!  
A aurora vinha a raiar  
E os clarões da manhã fria  
Acaso viram jamais  
Tão felizes dois mortais?

.....  
.....

Desde então ao teu poder,  
Submisso, humilde, sujeito  
Existe todo o meu ser.  
Em ti palpita o meu peito,  
E a razão que me delira,  
Em ti vive, em ti respira,  
Com teu império a rendeste,  
Sou teu: venceste, oh! venceste!



## RECORDAÇÕES

Como foi, e há quanto tempo  
Que esse tão feliz momento,  
Da minha vida acabou?!  
Não sei, que importa? Era um dia  
Que o sol vivido inundava  
A luxuriante campina.

Intensa, glacial frieza  
O coração me gelava,  
Quando súbito sentira  
Um raio de luz divina  
Que minh'alma iluminou.  
Deslumbrado em vão buscava  
Ver donde essa luz partia,  
A mente me delirava  
Com a ventura que sentia!

Oh! depois vi claramente,  
Que de teu rosto inocente  
Partira o raio de luz,  
Tão suave e tão sereno,  
Como esse que nas pupilas,  
Azuladas e tranquilas  
Do anjo da nossa infância  
Melancólico reluz!

Paramos naquela estância,  
Dize, lembras-te, Luiza,  
Como vinha fresca a brisa,  
E que suave fragrância  
Rescendia a viração?  
Tu firmavas-te ao meu braço,  
E eu mal respirar podia  
Que não sei quê me oprimia,  
Mas com que doce opressão!

Parava, não de cansaço,  
Por que o peito mais valente,  
De mais vigor não se anima,  
Nem com mais força se sente  
Do que eu me sentia então!

Foi fatal aquele instante,  
Para ti fatal, embora,

Tu viveste numa hora,  
Inteira toda uma vida  
Do mais delirante amor;  
Porque a tua alma, querida,  
Quando deveras se inflama,  
Devora com a sua chama  
O prazer até à dor!

Duas lágrimas brilhantes  
De teus olhos deslizaram,  
Quando nos meus se cravaram  
Formosos e cintilantes.  
A expressão que eu neles via,  
Devera ser semelhante  
À que o justo vê no dia  
Do seu supremo juízo,  
Nos do anjo fulgurante  
Que lhe aponta o paraíso!

Como foi que tal encanto  
A fatal mão do destino  
Para sempre nos quebrou!?  
Da noite o sombrio manto,  
O teu semblante divino  
A meus olhos ocultou!

Oh! não foi nesse momento,  
Porque inda no firmamento  
O lampejo duma estrela,  
As tuas pálidas faces  
De um reflexo iluminou,  
E inda um beijo, longo, ardente  
Na tua boca inocente  
A minha boca estampou!

Oh! não foi!! Depois ainda,  
Na mesma noite encantada,

Te vi fulgurante e linda,  
De brancas roupas trajada,  
No turbilhão delirante  
Do baile veloz passar;  
Inda ali tanta esperança,  
Tanto amor, tanta ventura,  
Veio minh'alma inundar  
Inda ouvindo aquela valsa  
De entusiasmo estremecemos,  
E desvairados corremos  
Ao som da doida cadência.  
Oh! que fogo nesse instante  
Nos inflamava a existência!!  
Eu cingia-te anelante  
Entre meus convulsos braços,  
E com teus ligeiros passos  
Tu mal tocavas o chão!  
Aquela doce harmonia  
De instante a instante aumentava.  
Oh! como então nos batia  
Agitado o coração!  
Aumentava, e de repente,  
Como cortada torrente,  
A melodia parou;  
E nos meus braços, querida,  
Extenuada, abatida,  
Por momentos te deixou.

A aurora vinha rompendo  
Quando teus olhos aos meus,  
Proferiam eloquentes  
Aquele saudoso adeus.  
Ao longe o vasto Oceano,  
Da brisa fresca agitado,  
Ante nós bramia ufano.  
Tu, volveste horrorizado  
O rosto com a vista dele!...

É que em breve a todo o pano,  
O meu baixel correria  
Sobre aquelas ondas torvas,  
E de ti me apartaria!



## SÊ FELIZ

Sê feliz! Ontem ainda  
Contemplando o teu semblante,  
Na sua inocência infinda,  
Porém triste nesse instante,  
Roguei a Deus do mais fundo  
Mais puro do coração,  
Que uma lágrima, um desgosto,  
Uma sombra de amargura,  
Jamais viesse no mundo,  
Turbar teu cândido rosto.

Sê feliz: toda a ambição  
Que por ti minh'alma encerra  
É ver-te feliz na terra!  
Nada mais. O amor profundo,  
O mais violento embora,  
Tem sempre na vida uma hora  
De egoísmo, e esta afeição,  
Que uma só vez na existência  
No meu peito se acendeu,  
Que jamais se há de extinguir,  
Tem a pureza do céu,  
Proveio da tua essência!

Se no presente ou porvir,  
Alguém que te encante a vida  
Existe ou tem de existir...  
Não terei zelos... Unida,

Para sempre a outro afeto  
Passarás junto de mim,  
Embora, direi então:  
Sê feliz: toda a ambição,  
Que por ti minh'alma encerra  
É ver-te feliz na terra!

E sabes?... ao criador  
Dou graças por me haver dado  
Este puro sentimento  
Em vez do fogo do amor.  
Ai! se um dia, no momento  
De ver-te, te houvesse amado!...  
Se em vez da chama suave,  
Que em meu coração se inflama,  
Se ateasse aquela chama,  
Se houvesse enfim rebentado  
Aquele fatal vulcão!...  
Ai! de mim! quanta amargura!  
Quanta angústia o coração  
Não teria já passado!  
Porém assim!... não, ai! não!  
Sê feliz: toda a ambição  
Que por ti minh'alma encerra,  
É ver-te feliz na terra!



### **A FOLHA DESBOTADA**

Volve folha desbotada,  
Outra vez à mão nevada  
Que do tronco te ceifou,  
Volve, e dize sem receio,  
Que te apertei contra o ceio,  
Que o meu olhar te adorou:

Vai discreta confidente,  
Dize tudo quanto sente,  
E cala o meu coração!  
Vai, que a tua voz sentida,  
Há de ser por ela ouvida  
Com ternura e compaixão.

Dize que ao ver um instante  
Anuviado o seu semblante,  
Pensativo o seu olhar,  
De sobressalto e receio,  
Sinto o coração no seio  
De repente a palpitar!  
Que a sonhei antes de vê-la,  
Como bem fadada estrela,  
Mensageira do Senhor!  
Que ao vê-la a voz da consciência  
Disse: É esta na existência  
A tua estrela de amor!  
De amor puro, intenso, ardente,  
Mas que oculto eternamente  
No meu peito ficará!  
Que no infortúnio nascido,  
Só comigo tem vivido,  
E comigo morrerá!

Ai! folhinha desbotada!  
Outra vez à mão nevada  
Volve de quem te ceifou!  
Volve, e dize, sem receio,  
Que te apertei contra o seio,  
Que o meu olhar te adorou!



## NUM ÁLBUM

Venham ver este retrato,  
E respondam se o pintor,  
Que desenhasse melhor,  
O tirava mais exato.  
Ei-la! saltando da tela,  
Viva, inteira, palpitante!  
Pálido um pouco o semblante,  
A boca graciosa e bela,  
Quando o sorriso a desflora,  
É como a rosa da aurora  
Abrindo ao sopro de abril!  
É mais! é ver num momento,  
Quanto pode o pensamento  
Sonhar de casto e gentil!

O cabelo ondeado e fino,  
Negro como a noite escura,  
Cai no colo alabastrino,  
E faz ressair a alvura  
Do rosto fascinador.

Os olhos... oh! neste instante,  
Tremo, hesito, não há cor,  
Não há luz por mais brilhante,  
Que possa enfim imitar  
O reflexo cintilante  
Da chama do seu olhar!  
Chama que às vezes traidora,  
Se oculta na sombra escura,  
À espera que chegue uma hora,  
Hora de morte ou ventura!  
Em que possa deslumbrar,  
Com mais fogo e com mais vida,  
O desvairado que ousar,

Mirá-la sem recear,  
Pela ver assim sumida!

Terminou?... e eu que julgava  
Cobrir-me de eterna glória,  
Quando tanto me esmerava  
Na minha cópia ideal!  
Agora que na memória,  
(Ou antes no coração)  
Tenho vivo o original,  
Vejo bem que não há mão,  
Por mais que saiba pintar,  
Capaz de estampar na tela  
A expressão graciosa e bela  
Dessa face, e desse olhar!



## ONDE SE ENCONTRA A VENTURA?

Onde se encontra a ventura,  
Esta encantada visão,  
Que tantas vezes procura,  
Mas debalde, o coração?  
Nas pompas da formosura?  
Nos esplendores da glória?  
No poder de conquistar  
A mais difícil vitória  
Com o mais tímido olhar?

Oh! como então és feliz,  
Porque tudo te revela,  
Que não há face mais bela,  
Nem existência tecida  
De mais florido matiz!

Porém responde, na vida,

Quando tu passas radiante  
Dessa luz que enfim só Deus,  
Concede a um anjo dos seus!...  
Quando ouves a cada instante  
Dizer com voz anelante:  
Lá chega, lá passa, é ela,  
Que é tão feliz como é bela!  
Uma sombra de amargura,  
Um sentimento profundo  
Não te oprime o coração  
E não te diz que a ventura  
Se não encontra no mundo?!

Uma vez, sereno o céu,  
Como os teus olhos brilhava!  
Airosa ante mim passava  
Essa forma, esse ideal  
Que não pode ser mortal!  
Através do raro véu,  
Que o semblante te encobria,  
Uma lágrima descia;  
Era de prazer ou dor!  
Oh! de angústia parecia,  
Pelo agitado tremor  
Com que o peito te batia!  
O mundo não sei se a via,  
Porque a meu lado exclamava:  
Lá chega, lá passa, é ela,  
Que é tão feliz como é bela!  
Mas quem sabe se acertava?!  
Porque a ventura real  
Se existe, é só no momento  
Em que livre o pensamento  
Se eleva ao mundo ideal!  
E nossa alma a outra unida,  
Foge à terra, se ilumina

De um raio de luz divina,  
E se esquece enfim da vida!

---

### QUEM DIRÁ?

Quem dirá, vendo a expressão  
Que brilha no teu olhar,  
Que tu não tens coração?  
Bem haja a mão tutelar,  
Que à beira me suspendeu  
Do abismo da perdição!  
Que delírio foi o meu  
Naqueles tão curtos dias  
Que passei ao lado teu?

Oh! como tu respondias  
Com o silêncio eloquente  
Às palavras que partiam  
Do meu coração ardente!  
E depois, se num momento  
Os lábios já não podiam  
Expressar o sentimento,  
O fogo do meu afeto,  
Como o teu olhar inquieto  
A minh'alma interrogava  
E todo paixão jurava,  
Que era meu o teu amor!

Oh! que dias de ventura!...  
Nos campos, abria a flor;  
Por entre a tenra verdura,  
Inda fraca, inda infantil,  
Se escutava a voz das aves  
Que saudavam abril.  
E tu, como elas, ditosa,

Às suas notas suaves  
Juntavas a voz formosa!  
Ah! como eu vivia então!  
Como de novo sentia  
Rebentar no coração  
Essa infinita alegria  
Que nos desvaira a razão!

Por quanto tempo durou  
O sonho que me encantava?  
Breve foi, maldita a mão  
Que dele me despertou.  
Quando mais certo julgava  
Que era enfim minha a ventura,  
No momento em que acabava,  
De escutar dos lábios teus  
Aquele extremoso adeus!  
Adeus, que nesse momento  
Com a esperança sorria  
E tanto me prometia!...

Foi, oh Deus! que de repente,  
Uma palavra maldita,  
Fez que eu visse claramente,  
Cobrindo minh'alma aflita  
De espessa nuvem sombria!

.....

Quem dirá vendo a expressão  
Que brilha no teu olhar,  
Que tu não tens coração  
Ou tem-lo para enganar?!

---

**UM BRINDE**  
(*Improviso*)

Amigos, à formosura  
Que nos cerca neste instante,  
Erga-se a taça escumante  
De purpurino licor.  
Vivo entusiasmo rebente  
Agora de nossas almas,  
Caíam palmas sobre palmas  
Cada vez com mais ardor!

Aqui floresce na horta  
A viçosa laranjeira,  
Corre o Champanhe e o Madeira  
Que ofertara nívea mão,  
Aqui não chegam as garras  
De tanta velha leoa  
Que esfaimada por Lisboa  
Se atira a tanto leão.

Aqui livre em nosso peitos  
Pula impaciente alegria,  
Porque ao sol de um belo dia  
Tudo vemos reflorir!  
Que importa pois que os ministros  
Ressonem no parlamento,  
E que os homens de São Bento  
Nem sequer nos façam rir?

Para nós sorri-se o mundo,  
Para nós a vida é esta,  
Hoje festa, amanhã festa,  
Glória, encantos, ilusões!  
Junto a nós temos as belas  
Mais fragrantes do que as rosas,  
Longe... o mundo das preciosas,  
E o mundo dos papelões!

Eia pois! à formosura  
Que me cerca neste instante  
Erga-se a taça escumante  
De purpurino licor.  
Vivo entusiasmo rebente  
Agora de nossas almas,  
Caíam palmas sobre palmas  
Cada vez com mais ardor!



### AQUELE DIA!

Jamais me há de esquecer aquele dia!  
Do meigo outono a pálida folhagem  
Inda os troncos do bosque revestia.  
Serenos estava o céu; doce a bafagem;  
De toda a natureza  
Infinita saudade respirava;  
Mas por essa tristeza  
Feliz o coração se dilatava!

Feliz, ai! tão feliz que inda à lembrança,  
Desses dias de amor e de ventura,  
De paz e de esperança,  
Se anima, e vê sorrir na noite escura,  
Um reflexo da estrela resplendente  
Que uma vez lhe brilhou serena e pura;  
Inda a sombria névoa do presente  
Se rarefaz, se esvai, e se ilumina  
Tudo a seus olhos de uma luz divina!

Oh! tu lembras-te bem daquele dia!  
Nem o lento correr de tantos anos,  
Nem as tardias horas que vieram  
Depois cheias de amargos desenganos,  
O encanto desfizeram

Da inspirada, divina poesia,  
Que ele continha em si, que ele nos deu,  
E nós guardamos como um dom do céu!

Era ermo o lugar, ermo, mas belo!  
Profunda a solidão! De quando em quando,  
Escutava-se o cântico singelo,  
Da estrangeira avezinha que buscando  
O sol do nosso inverno,  
A voz desfalecida ia soltando  
Com saudades do *ninho seu paterno*.

No êxtase ideal do sentimento,  
Tu volvias os olhos silenciosa,  
Para o sereno azul do firmamento;  
E da boca formosa,  
Reprimir um suspiro em vão tentavas!  
É que nesse momento,  
Exausta a escala do prazer, ansiosa  
Uma nota na dor enfim buscavas!

Nas nossas almas existia um mundo  
De infinito amor;  
Do pélagos profundo  
Onde ruge o furor  
Insano, concentrado, atroz, maldito,  
Desta cruenta guerra  
Das ambições da terra,  
Nem uma maldição, um som, um grito  
Nos vinha perturbar!  
Era a amplidão do céu, a solidão da serra,  
Ao longe... a voz do mar!  
Depois como se a mão da Providência  
Inundasse meu ser naquele instante  
Da luz de outra existência,  
Julguei ter visto a origem fulgurante,  
De onde provém a chama

Deste imortal amor que nos inflama!

À ideia então da morte  
Sentia-me sorrir; porque na hora,  
Que no-la desse a sorte,  
Brilhava para nós serena e pura  
Essa imortal aurora,  
Que reluz nos umbrais da sepultura!  
Iriam nossas almas,  
Já livres de martírio,  
Colher as flores e mimosas palmas  
Que vicejam no empíreo!

Tudo enfim acabou! a noite escura,  
Envolvera em seu manto aquele dia!  
E de tanta poesia  
Que resta para nós? uma saudade,  
E a esperança que um dia essa ventura  
Nossa outra vez será na eternidade!



## VERSOS PARA RECITAR AO PIANO

### PRIMEIRA

Era no outono quando a imagem tua  
A luz da lua sedutora vi.  
Lembras-te ainda nessa noite Eliza,  
Que doce brisa suspirava ali?

Toda de branco, em tua fronte bela,  
Rosa singela se ostentava então,  
Vi-te, e perdido de te ver buscava  
Se me apartava da gentil visão!

Era debalde; quanto mais te via,  
Mais me perdia delirante amor;

Mágicas falas proferiste incerta,  
Toda coberta de infantil pudor!

Trêmulo, ansioso, quis pedir-te um beijo  
Louco desejo pois fugir-te vi!  
Vendo-me triste para mim voltaste,  
Não me falaste; mas eu bem senti!

Fresca, arrobada de perfume a brisa,  
Lembras-te, Eliza? suspirava então;  
Tu nos meus braços reclinaste a frente,  
E meigamente me disseste: Não!

#### SEGUNDA

De luz, de encanto, de alegria infinda,  
Aquele rosto sedutor esplende,  
Brilha a ventura em sua face linda,  
E vivo fogo o seu olhar acende!

Como a existência para nós é bela  
Entre a verdura desta amena estância!  
Aqui suspira a viração singela,  
E esparge a rosa virginal fragrância.

Livres, imunes neste doce enleio,  
Dos gratos dias do saudoso abril,  
Ouvir das aves o infantil gorjeio,  
Gozar da sombra do enredado til...

Ela a meu lado, sobre os meus cravando,  
Aqueles olhos cuja densa rama,  
Agora oculta, logo vai deixando,  
Brilhar o fogo da traidora chama!

Se entro no baile onde o prazer se agita,  
Ei-la, a formosa, no veloz passar,  
Louca os seus olhos nos meus olhos fita,

E mil afetos me traduz no olhar!

De luz, de encanto, de alegria infinda,  
Aquele rosto sedutor esplende;  
Brilha a ventura em sua face linda,  
E o céu no fogo que esse olhar acende!

### TERCEIRA

Lembras-te, Elisa, quando a face pálida,  
Da casta lua despontou no céu,  
E dentre a balsa suspirada, e lânguida,  
Mavioso canto o rouxinol rompeu?

Naquela noite em que o perfume vívido  
De mato agreste rescendia no ar,  
Em que as estrelas fulguravam tímidas  
Nas doidas ondas do cerúleo mar!

Lembras-te, dize, quando tu, mirando-me,  
Com todo o fogo de infantil paixão,  
Em voz sumida murmuravas: *Amo-te!*  
E me apertavas docemente a mão!

E que eu perdido de ventura olhando-te  
Da meiga lua ao divinal fulgor,  
Teu rosto de anjo contemplava estático,  
Cândida pompa de inspirado amor!

Nesse momento fervorosa súplica  
Do íntimo d'alma murmuraste a Deus,  
Que amor, que encanto nos teus olhos úmidos,  
Quando os cravastes na amplidão dos céus!

Depois sentada nos degraus de mármore  
Sombra encantada, celestial visão,  
Que meigas falas proferiste trêmula,  
Que mil protestos me juraste então!

Depois as rosas que animavam vívidas  
Teu belo rosto, desmaiar eu vi  
E vaga sombra de tristeza súbita  
Cerrar-me forte o coração senti!

---

### CIÚMES DO PASSADO

Quando teu rosto adorado,  
Da luz do amor se ilumina,  
Resplandecente a meu lado,  
Não sabes por que anuviado  
O meu semblante se inclina?  
Por que um amargo sorriso  
Pelos meus lábios desliza,  
Quando teus lábios, Luiza,  
Me proferem anelantes,  
Tantos protestos de amor!  
É que minh'alma se oprime  
À lembrança do passado,  
Em que já outro a teu lado  
Escutou essas palavras,  
Que me repetes agora  
Cada vez com mais ardor;  
E que esses mordidos beijos  
Que me perdem de ventura,  
Dados com a mesma ternura  
Já perderam de desejos  
Neste mundo outro também!  
E tu não sabes, querida,  
Os zelos que me devoram,  
À lembrança que na vida,  
Já quiseste a mais alguém?!

## NUM ÁLBUM

*(Improviso)*

Se eu fosse um vate inspirado,  
Cantor das rosas singelas,  
Ah! quantas coisas tão belas  
Tinha aqui para dizer!  
Mas eu tenho horror à brisa,  
Ódio ao prado, ódio às estrelas,  
E então aos vates das *elas*  
Nem sequer os posso ver.

Tu também, posto que a vida  
Para ti sorria agora  
Como sorri uma aurora  
Dos puros dias de abril,  
Não morres pela açucena,  
Nem deliras contemplando  
A lua que vai passando  
*Pelos vastos céus de anil.*

E inda bem que a Providência  
Te livrou de tal abismo;  
Ó terrível romantismo,  
Quando hás de um dia acabar?  
Eu conheço uma menina,  
Bela, gentil, sedutora,  
Mas, meu Deus, é tão doutora  
Que se não pode aturar!

Arranja umas tais carinhas,  
Toma umas tais posições,  
Fala em sonhos e ilusões  
No seu romântico ardor!...  
Pois é pena, que é bonita,  
Talvez seja até formosa;

Se não fosse *preciosa*  
Era um ente encantador.

Se lhe dizem que é feliz,  
Solta um suspiro profundo,  
Porque ninguém neste mundo  
Até hoje a compreendeu!  
Salvo um ente idolatrado  
Porém esse... oh! desventura!  
Para a fria sepultura  
Na flor da vida desceu!

Enfim, se alguém lhe protesta  
Que inda há de viver tranquila,  
Ergue em êxtase a pupila  
Pondo a mão no coração!  
Imagina o desgraçado  
Que tenha a louca mania  
De ir bater consigo um dia  
Neste abismo de paixão!

Oh! Bem hajas tu que és bela,  
Gentil, graciosa, elegante;  
A alegria em teu semblante  
Com a inocência anda a saltar:  
Bem hajas tu que detestas  
Todos os vates das *elas*,  
E as românticas donzelas,  
Que andam sempre a declamar!



## AMOR E DÚVIDA

Quando essa pálida frente  
Por momentos pensativa  
Cai às vezes de repente,

E se amortece a luz viva  
Que nos teus olhos resplende,  
Sinto que esta alma se acende  
De um fogo, de uma paixão,  
Que me desvaira a razão!

A terrível incerteza,  
Esta dúvida constante,  
Desaparece um instante!  
Creio em ti: — foge a tristeza  
Que todo o meu ser domina;  
Torno à vida, e livre aspiro  
Num mundo que se ilumina  
Da encantada luz do amor!  
Depois, se um flébil suspiro  
Vem de teus lábios à flor,  
Oh! como então és amada!  
Como tens aos pés rendida  
Toda a força desta vida  
Que por ninguém foi domada!

Mas é só por um instante!  
Volta depois a incerteza,  
Quando assume o teu semblante,  
Aquela glacial frieza,  
Que desalenta, que oprime,  
Que faz profunda tristeza,  
E destrói quanto é sublime!

Um dia no firmamento  
O sol vívido brilhava,  
E a aragem com brando alento  
Entre as ramas suspirava!  
Era ali, naquele vale,  
Que parece destinado,  
Para esconder na espessura  
Os segredos da ventura!

O coração agitado  
Nesse instante te pulsava,  
E uma tristeza mortal  
O semblante te anuviava.  
Alucinado buscava  
A causa donde nascia,  
Quando um gesto, uma expressão  
Me disse que eu só podia  
Tirar-ta do coração!  
Sem mais ver, nem mais pensar  
Com que delírio a teus pés  
Me viste rendido então!...  
Quem podia duvidar  
Vendo a ingênua timidez  
Do teu inspirado olhar?!  
Os lábios não revelaram  
O que havia em nossas vidas,  
Mas as vistas confundidas  
Com que eloquência falaram!  
Chegara a noite; do céu  
Vi cintilar uma estrela;  
Era brilhante, e era bela,  
Mas um presságio mortal,  
Um cruel pressentimento  
Me disse nesse momento:  
Não fites os olhos nela,  
Porque essa luz é fatal.  
Amanhã, espesso véu  
de nuvens há de envolvê-la;  
E se de novo surgir  
Será para te iludir.

E esta dúvida cruel  
Este constante hesitar  
Quem mo pode terminar  
Quem, senão um teu olhar?

---

## NUM ÁLBUM

Não vês tu como inconstante  
Num instante,  
Ruge o sul, e turba o céu,  
E que o mar, quedo, azulado,  
Brame irado,  
Sacudindo alto escarcéu?

Não tens visto na manhã,  
Flor louçã,  
Junto às águas rebentar,  
E à tarde, murcha, pendida,  
Já sem vida,  
Sem perfume, a desfolhar?

Pois então queres, amiga,  
Que eu te diga  
Que o amor não é assim?  
Quando tudo empalidece,  
Se emurchece,  
Se desbota, e morre enfim?!

Essas ilusões douradas,  
Encantadas,  
Do primeiro albor da vida,  
São como a rosa louçã,  
Da manhã,  
À tarde na haste pendida;

São como o céu azulado,  
Que dourado  
Pelo sol de ameno dia,  
Se escurece de repente

Tristemente  
Por uma nuvem sombria!

E tu não queres, amiga,  
Que eu te diga  
Que o amor não é assim?  
Quando tudo empalidece,  
Se emurchece,  
Se desbota, e morre enfim?!

---

**SE CORAS NÃO CONTO**

Tu queres que eu conte um sonho que tive  
Não sei se acordado, não sei se a dormir?

Foi todo singelo, foi todo inocente:  
Tu coras, sorriste, tens medo d'ouvir?

Não cores, escuta, não fujas de mim,  
Que o sonho foi sonho de casta paixão:  
Já crês, não duvidas, verás como é lindo  
O sonho inocente do meu coração:

Eu via em teus lábios um meigo sorriso,  
Em tens olhos negros um terno mirar,  
Teu seio de neve a arfar docemente,  
Sentia nas faces o teu respirar.

E tu não falavas, mas eu entendia;  
E tu não falavas, mas eu bem ouvi!  
Amor! na minh'alma a voz me dizia,  
E um beijo na fronte não sei se o senti.

Já vêes que o meu sonho foi sonho inocente;  
O resto eu te conto; como há de gostar!  
É todo singelo, de amores somente;

Verás que ao ouvi-lo não há de corar.

Depois apertando teu corpo flexível,  
Cingindo teu colo no braço a tremer,  
Ouvi uma fala, e o que ela dizia  
Agora acordado não posso eu dizer.

Não posso contar-te, só pude senti-la;  
Não posso contar-ta senão a sonhar:  
No sonho inocente, no sonho d'amores,  
Do qual, duvidosa, julgavas corar.

Não posso contar-ta, nem sei se acordado  
O que ela dizia se pode entender;  
Eu sei que sonhando, pensei que era sonho,  
E agora acordado a não posso esquecer.

Mas tu por que escondes a face corada?  
Não tem nada o sonho que faça corar,  
É todo singelo, é todo inocente;  
Que importa um abraço, se é dado a sonhar?

Mas tu não te escondas, que eu fico em silêncio;  
Não quero ofender-te a casta isenção;  
Não torno a contar-te depois de acordado  
O sonho inocente do meu coração.



## ANJO E VIRGEM

Virgem, que era o que sentias  
Quando ao vento desferias  
Essas frouxas harmonias  
De um incerto murmurar?  
Virgem, que era o que sentias  
Teu santo seio agitar?

Achavas o mundo um ermo,  
Onde ao coração enfermo  
Dos horizontes sem termo  
Não vinha uma aura de amor?  
Achavas o mundo um ermo,  
Fértil só de fel e dor?

Ou teu suspirar sentido  
Era por ver desmentido  
De amor o sonho querido,  
Que sonhaste, alma gentil?  
Ou teu suspirar sentido  
Foi dor ligeira, infantil?

Era o teu anjo inocente  
Que passara mansamente  
A sorrir divinamente,  
Mas que outra vez não volveu?  
Era o teu anjo inocente,  
Que viras subir ao céu?

E ficaste pensativa  
Sobre esta terra cativa  
De esperança, e de amor esquiva,  
Coberta com véu de dó;  
E ficaste pensativa  
Ao ver-te perdida e só.

Oh! esse tênue gemido  
Do seio teu despedido,  
Qual anelito sumido  
Que a morte veio cortar,  
Oh! esse tênue gemido,  
Que não pudeste ocultar...

Foi longo adeus de saudade

Aos dias da terra idade,  
Que envoltos na eternidade  
Ligeiros viste fugir;  
Foi longo adeus de saudade  
Ao teu primeiro sorrir!

Do céu à terra baixaste,  
E quando nela te achaste,  
Tristemente suspiraste  
Ao ver-te perdida e só;  
Do céu à terra baixaste,  
À terra de pranto e dó.

Virgem, virgem, mal pensavas,  
Quando triste suspiravas,  
E num gemido enviavas  
Longo e doloroso adeus;  
Virgem, virgem, mal pensavas  
Que eras um anjo de Deus.



### A MADAME LOTTI

*(Na noite em que cedeu o produto do seu benefício a favor de um asilo de infância desvalida)*

Canta oh! canta alma inspirada,  
Que jamais na tua vida  
Tiveste a fronte cingida  
Dos louros que hoje vais ter.  
Canta: os prantos da orfandade,  
À tua voz sedutora,  
Se vão convertendo agora  
Em sorrisos de prazer!

Oh! jamais em teus triunfos  
Quando erguendo o rosto altivo,

A teus pés tinhas cativo  
O poder da multidão,  
Jamais sentiste no peito  
Entre o rumor delirante,  
Bater, como neste instante,  
De entusiasmo o coração!

Cada nota que desprendas  
Terá um eco no empíreo,  
Por que as palmas do martírio  
Em rosas vais transformar.  
Oh! bem haja a Providência  
Que na tua voz divina  
Pôs a graça que fascina,  
E o condão de consolar!

Quando no giro brilhante  
Da tua crescente glória,  
Te venha um dia à memória  
Esta noite triunfal,  
Para, escuta, e docemente  
Sentirás no teu ouvido,  
Um murmúrio agradecido  
De ternura filial.

São eles os deserdados,  
Os que já sem lar paterno  
Erguem preces ao Eterno,  
E bênçãos por teu amor;  
São eles a quem um dia  
Com teu inspirado canto  
Tornaste em sorriso o pranto,  
Em pura alegria a dor!



## PRIMAVERA

Contempla este céu esplêndido,  
Ouve aquelas melodias  
De tanta ingênua avezinha,  
Que alegre, os serenos dias  
Da primavera adivinha.

Não vês a olaia? vaidosa!  
Só por ver que a amendoeira,  
Mais cedo desabrochou,  
Vermelha como uma rosa,  
De repente se tornou.

Oh! bem vinda primavera!  
Ao ver o sorriso terno  
Da tua boca divina,  
O prado, o monte, a campina,  
Que o triste e gelado inverno  
Sem piedade devastou,  
Num momento se animou!

Em teu regaço a abundância,  
Esperançosa floresce;  
À sombra de teus verdores,  
Entre a suave fragrância  
De tuas variadas flores,  
Contente o pobre adormece.

E tu, minha vida, ao ver-te  
Sozinha a meu lado agora,  
Nesta estação, nesta hora,  
Neste encantado lugar,  
À sombra dessa verdura  
Onde frouxa a luz desmaia,  
Ante o mar que além suspira  
Na loira areia da praia,

Não vês que a razão delira,  
Que dentro do coração  
Não cabe tanta ventura?!

Falta a vida, sim, a vida,  
Para esta alegria imensa,  
Das nossas almas, querida!  
Viva, ardente, pura, intensa,  
Nesses olhos brilha a chama  
Do amor que tua alma encerra;  
Alma que ao sopro de Deus  
Em divino amor se inflama,  
Alma que veio dos céus,  
E que não cabe na terra.

Fugaz, transitório, vão,  
Será para nós o encanto  
Que nos enche neste instante  
De ventura o coração?

Será! que importa? constante  
Virá depois a saudade,  
Abraçar essas memórias  
De infinda felicidade;  
Como ao templo aonde as glórias,  
De paz, de amor, de alegria,  
Se celebraram um dia,  
Mas templo que ao chão tombou,  
Se abraça a hera viçosa,  
Reveste as pobres ruínas,  
Amparando carinhosa  
Esse resto que ficou!

Uma lágrima estremece,  
Vem de teus olhos à flor!  
Minha vida, esquece, esquece,  
Que pode haver na existência

Momentos de acerba dor!  
O sopro da Providência,  
Vivo está, vivo respira,  
Neste céu desassombrado,  
Na corrente que suspira,  
Neste cântico inspirado,  
Que as aves soltam no vale,  
E dele provém a essência  
Do nosso amor imortal!

Contempla o vasto horizonte  
Que o sol vivido ilumina;  
Olha as flores da campina;  
Escuta as águas da fonte;  
Respira esta aragem pura,  
Embalsamada, e suave;  
Ouve o cântico dessa ave,  
Que improvisa na espessura!

Recolhe n'alma o perfume,  
Desta encantada poesia.  
Deste sol, desta alegria,  
Que em torno de nós fulgura,  
E responde, minha vida,  
Se a nossa alma neste instante  
Pode com tanta ventura!

---

## VOLTAS

(Improviso)

*Entre as flores da campina  
Correm uns certos rumores.*

*Que tu, rosa purpurina,  
És a inveja das mais flores.*

F. C. M.

És rosa, bem vês; o aroma  
Que do teu seio rescende,  
A cor que a folha te acende,  
A inveja que ao rosto assoma  
De todas as outras flores,  
Não to diz, quando no prado,  
Aos primeiros resplendores  
Do sol que tem despontado,  
Ergues a fronte singela,  
Mas ah! quão graciosa e bela?!

O lírio que à sombra nasce,  
Quando te sente e te aspira,  
Não sabes como delira!!  
Não tens visto tanta vez  
Naquela tímida face  
Redobrar a palidez?  
E o rouxinol namorado  
Que, assim que a lua derrama  
Seu doce clarão no vale  
Por entre a viçosa rama,  
Desprende a voz imortal  
Improvisando inspirado  
O seu hino nupcial  
À noiva que Deus lhe há dado!

Por quem suspira anelante?  
Por quem trêmulo se inclina  
Sobre a veia cristalina?  
Quem procura nesse instante?  
— És tu, rosa purpurina!

És tu, sim; porém a cor  
Que tinhas tão viva outrora,  
Por que a vais perdendo agora?  
Dize, oh rosa, a oculta dor

Que te faz tão tristemente  
Pender a encantada frente!

Agora entre as outras flores  
Correm uns certos rumores...  
Quais são, não sei; mas ouvi  
Que as mais belas da campina  
(Por quem és tão invejada)  
Quando hoje chamam por ti,  
Dizem — rosa namorada,  
E não — rosa purpurina.



## LÉLIA

### O POETA

Musa: o dia rompeu chuvoso e frio,  
Eu não tenho um real, nem tu tão pouco,  
Que és pobre como Jó; por conseguinte  
Que havemos de fazer?

### A MUSA

Ficar em casa,  
Discutindo as misérias deste mundo.  
Apraz-te a ideia? Vamos, meu poeta,  
Em que estás a pensar?

### O POETA

Numa aventura.

### A MUSA

Não se pode contar?

### O POETA

Decerto pode.

## A MUSA

Nesse caso aproxima-te do lume,  
Acende este charuto, e principia.

## O POETA

Há dois anos, um dia, ou mais exato,  
Uma noite em que a lua resvalava  
No firmamento azul, em que os modilhos  
Do inspirado cantor da primavera  
Dentre a balseira em flor se desprendiam,  
Achava-me aspirando a branda aragem  
Sentado no portal de uma vivenda  
Da modesta aparência, e colocada  
Num sítio encantador. Naquela noite,  
De que me hei de lembrar eternamente,  
Tinham vindo esperar-me de emboscada  
Alguns contrabandistas do parnaso,  
Dentre os quais destacava a face lívida  
De certo esguio e pesaroso vate  
Que te inspira notável simpatia.  
Fugi! eles ficaram declamando  
As primeiras estrofes de uma nênia!

Vinha rompendo abril: como já disse,  
Serenos estava o céu, doce a bafagem,  
E a rosa, a favorita, a bela noiva,  
Por quem o rouxinol desde a alvorada  
Solta a voz em prodígios de harmonia,  
Corando abria o pudibundo seio  
Aos doces carmes do adorado amante.

Passado pouco tempo esta cabeça  
Começara a enredar-se em mil quimeras.  
De repente uma voz sonora e fresca  
Chegara ao meu ouvido. Era tão simples,  
Tão suave, tão meiga a melodia,  
Tão infantil a voz! Voltei os olhos,

E descobri um vulto na janela.  
Que figura ideal! alta, mas frágil,  
Como hastezinha de um arbusto novo.  
A inocência e virtude respiravam  
Naquele rosto cândido e formoso.  
Numa das mãos firmada a face tímida,  
E na outra a madeixa loira escura  
Que vinha em pitoresco desalinho  
Espargir-se nos ombros de alabastro.

Como o cantor da selva que inspirado  
Improvisava no florido bosque,  
Cantava ela também; ave inocente,  
Juntava mais um trilo ao hino eterno,  
Que aos pés de Deus a natureza erguia.  
Oh! quão feliz seria quem no mundo  
Alcançasse as primícias daquela alma!  
Lembrei-me de as colher, e decidi-me  
A aparecer-lhe no seguinte dia.  
Com efeito assim fiz.

Era sol posto:  
Cansada de correr pela campina,  
Tinha vindo sentar-se pensativa  
Nos degraus de uma cruz que se elevava  
No adro estreito de modesta ermida.  
Chegava enfim essa hora em que saudosa  
A mente se dilata em magos sonhos;  
Hora em que alma absorta em gostos íntimos  
Perde a consciência do exterior da vida.  
Diversas nuvenzinhas esmaltavam  
Para o lado do poente o firmamento.  
O bronze deu sinal d'*Ave-Maria*.  
Ela ergueu-se, e depois, firmando os joelhos  
Sobre os degraus da cruz, soltou dos lábios  
A singela oração; passado instantes,  
A pomba estremeceu, mas de alegria.

A viva chama de amoroso afeto  
Brilhou no puro azul daqueles olhos,  
Quando nos meus atentos se fitaram;  
E um sorriso de angélica ternura  
Entreabriu os seus lábios purpurinos.  
Eu peguei-lhe nas mãos alvas de neve,  
Que estremeciam apertando as minhas,  
E pronunciei mansinho estas palavras:

— Sim, sou eu, que tu tens visto,  
Tanta vez naqueles sonhos  
Belos, cândidos, risonhos,  
Da tua idade infantil.  
És minha. Sou teu. A vida  
Para nós vai ser agora  
Mais alegre do que a aurora,  
Mais florida do que Abril!

Oh! que longas confidências  
Nos esperam nestes prados!  
Que dias tão descuidados!  
Que instantes de tanto amor!  
Buscando ao crescer do dia  
Entre o bosque a sombra densa,  
Sentindo a alegria imensa  
Do sol, do campo e da flor!

És minha: do céu proveio  
O poder que a ti me prende,  
Mas diverso fogo acende  
O teu e meu coração:  
Tu no mundo és a inocência,  
Eu sou na terra a poesia;  
Tu dás-me a tua alegria,  
Eu dou-te a minha paixão!

Dou-te as sombras da tristeza

Que acertam sobre teu rosto,  
Como as sombras do sol posto  
Na rosa agreste do vale.  
Recebes num meigo abraço  
Meu profundo sentimento,  
E dás-me o contentamento  
Do teu seio virginal. —

Indizível prazer brilhou nas faces  
Da ingênua virgem, quando ouviu as falas  
Que ansioso proferi, e com ternura  
Disse, cravando em mim seus olhos belos:

— Órfã de pais, só tenho neste mundo  
Apenas uma irmã; nós habitamos  
Naquela casa que daqui se avista  
Entre a verdura desse vale ameno.  
Já mil vezes em sonhos encantados  
Eu ouvi tua voz, vi tua imagem.  
Agora enfim és meu e para sempre.  
Não é verdade? dize. — perguntava  
Com extremo, firmando-se ao meu braço.

Os pálidos clarões do astro saudoso  
Despontavam no céu; por entre as ramas  
A aragem sussurrava brandamente,  
E o rouxinol oculto nas balseiras  
Soltava algumas rápidas volatas,  
Experimentando a voz que dentro em pouco  
Iria improvisar o hino da noite.  
Caminhamos ao longo da alameda  
Que terminava em frente da vivenda  
Onde Lélia (era este o nome dela)  
Passara os dias da ditosa infância.  
À entrada do portal dei de repente  
Com a vista no pálido semblante  
De uma bela mulher. Cumprimentei-a.

Ergueu-se e veio a nós sorrindo alegre.

— É Júlia, minha irmã — me disse Lélia.  
Secundei um rasgado cumprimento,  
A que ela respondeu com a gentileza  
De uma senhora de elevada classe.  
Convidou-me a subir, eu dei-lhe o braço,  
E aceitei prontamente este convite,  
No que fiz um chapado disparate!

Tíbia luz, temperada para amantes,  
Iluminava uma pequena sala,  
Onde o luxo e bom gosto respiravam.  
Em primeiro lugar é necessário  
Que eu te faça um retrato a largos traços  
(Como agora se diz) da encantadora  
E provocante dona dessa casa,

Era alta, sorriso malicioso,  
Boca fresca, e vermelha como a rosa,  
(É velha a imagem mas é sempre boa!)  
Cabelo basto, fino, muito escuro,  
Olhos da mesma cor, e quase sempre  
Por doce morbidez meio cerrados.  
Quando porém às vezes dardejavam  
Por entre a negra sombra das pestanas  
Um só raio da luz que os inflamava...  
Ai daquele que ousava descuidado  
Mirar de leve essa traidora chama!

Que te direi do pé pequeno e curvo,  
Que na estreita prisão de uma botinha  
De cetim preto estava clausurado?  
Não sei; mas sei que ao vê-lo me esquecera  
A poesia da lua e das estrelas,  
Do Tejo de cristal, da mansa brisa,  
De tudo o mais que tenho por mil vezes,

Estafado em mau verso e pior prosa,  
Para só contemplar os mil encantos,  
Que tinha aquele pé!

E a pobre Lélia,  
A meiga aparição que nos meus braços  
Tinha vindo entregar-se sem receio,  
Onde estava? calada e pensativa,  
Contemplando o meu rosto, onde subia  
O sangue aceso em ondas de desejos.

Em presença daquela pecadora,  
Esqueceu-me de todo o sentimento  
Que me inspirara o anjo de inocência.  
Sou poeta; bem sabes que os poetas  
Não são decerto os entes mais constantes!  
Depois a essa mulher!... Oh! quem no mundo  
Pudera resistir? Se nesse instante  
A visses no *fauteuil* reclinada!  
O vestido entre *roxo e cor de rosa*,  
Apesar da invasão das *crinolines*,  
Deixava perceber divinas formas.  
No cabelo uma rosa perfumada,  
E no turgido seio, que ondulava  
Através da finíssima cambraia,  
Viçoso ramo de singelas flores.

Ela viu a impressão que produzira  
No pobre pecador que a contemplava,  
E descerrando a boca num sorriso  
Quis falar, mas a voz morreu nos lábios,  
E a eloquência do olhar disse-me tudo.

Pouco a pouco nas faces desmaiadas  
Se acendera o rubor; nos olhos negros  
Cintilou por instantes uma lágrima,  
Precursora de lânguido delíquio.

Meiga, sonora então, como seria  
A voz do arcanjo que descesse à terra,  
Junto a mim murmurou a voz de Lélia:

— Vou deixar-te; amanhã, no mesmo sítio,  
À mesma hora, de novo nos veremos;  
Vou rezar a oração que me ensinara,  
Minha mãe quando eu era pequenina.  
Vou rezá-la por ti! — Oh! por instinto;  
A inocência fugia do pecado.  
Quis segui-la também, mas por encanto,  
Por encanto fatal, senti-me preso  
Ao supremo poder daqueles olhos  
Que nos meus se reviam com ternura.

De novo aquele pé que me perdera,  
Se firmou num pequeno tamborete,  
E dessa vez deixando a descoberto,  
Um fragmento de perna, que faria  
Morrer de desespero uma andaluza.

Esvaeceu-se então completamente  
A meus olhos o anjo da candura,  
Das comoções divinas, da virtude,  
E achei-me só, perdido, face a face  
Ante o demônio das paixões terrestres!  
Dei-lhe a mão, e senti num paroxismo  
De desejo e de amor fugir a vida.

Quando a razão voltou, como o murmúrio  
Da fresca viração da primavera,  
O sopro perfumado de seus lábios  
Vinha afagar-me docemente a fronte.  
Os anéis do cabelo ondedo e negro,  
Espargindo-se, avaros procuravam  
Ocultar-me da vista aquele seio!  
Impaciente os afastou devorando,

Num beijo, em mil, um mundo de delícias!

Oh! como então no peito me pulava

O coração vaidoso e triunfante!

No lânguido quebranto que sucede

Ao febril desvario dos sentidos,

Júlia estava a meu lado; amortecida,

Por entre densa rama das pestanas,

Partia a luz das lânguidas pupilas.

Desmaiara de amor a rosa esplêndida,

E voltava de novo àquela face,

A palidez do lírio das campinas.

Abatida e indolente, erguera a fronte;

Caminhamos os dois para a janela:

Os primeiros clarões da madrugada,

Vinham rompendo já no firmamento.

Chegava enfim a hora, era forçoso

Dizer adeus à sedutora imagem!

## II

.....

.....

.....

Casta filha do céu, pura inocência,

Como o sorriso alegre de teus lábios

Me torna aos dias da ditosa infância,

E me faz existir algumas horas

No doce enlevo de passados sonhos!

Quantas vezes porém ao ver-te, ó rosa,

Nas agruras da terra, eu te contemplo

Com viva compaixão! Tão facilmente

Se evapora o perfume de teu seio,

Se perde o viço de teu meigo rosto!

Cais súbito no chão pálida e triste!

E por quê? porque o sopro envenenado  
Do mundo te crestou. Alheia ao crime,  
És fulminada pelos crimes de outros!

Eram estes, ó musa, os pensamentos  
Que vinham em tropel ao meu espírito,  
Quando estava disposto a dirigir-me  
Ao sítio que na véspera me indicara  
A ingênua irmã da tentadora Júlia.  
Começava a morder-me na consciência  
O remorso de haver atraído  
Aquele anjo de amor e de candura.  
Nisto sinto parar um trem à porta;  
Olho, e vejo saltar de uma caleche,  
Elegante e veloz como a gazela,  
A minha irresistível pecadora.  
Quantos protestos até ali fizera,  
Só com sentir-lhe a voz se evaporaram!  
Corro à porta, ela sobe, e com ternura  
Aos meus trêmulos braços se arremessa:

—Tardavas tanto!... as horas deste dia  
Não terminavam nunca!... vim buscar-te;  
Perdoa se fiz mal; mas o desejo  
De te ver e abraçar era tão forte...  
Vamos dar um passeio pelo campo,  
E depois... serás meu, e eu serei tua! —

Terminado este rápido discurso,  
Mas cabal, eloquente, e peremptório,  
Peguei no meu chapéu, e em continente  
Descemos e partimos na caleche.  
Não podes duvidar que possuía  
A mais cômoda amante deste mundo.

Quando o carro passou pelo Chiado,  
Mais de vinte lunetas se assestaram

A um tempo sobre nós; e é bem provável  
Que mais de vinte bocas honradoras  
Me ficassem na sombra remordendo;  
Tanto melhor; é bom ser invejado.

Oh! que tarde de Abril! O sol, baixando,  
Iluminava de clarões suaves  
O firmamento azul; nos verdes prados  
A flor estremecendo de alegria  
Aos doces beijos da travessa aragem,  
Como oferenda enviava ao céu propício  
A pura essência do virgíneo seio.

Cintilava o prazer nos olhos negros  
Da mulher que apesar de pecadora  
Era bela, oh! tão bela como os anjos  
Que o tentador Satã despenha ao mundo!  
Formosuras fatais que ainda conservam  
Na forma o que é do céu para iludir-nos!

Ai de nós se encaramos descuidados  
A mórbida expressão de certas fronte,  
Onde a candura nos oculta o crime!

Alva era a face da elegante Júlia;  
Vivo o rubor que lhe animava os lábios;  
Adorável a tinta fugitiva  
Que lhe tocava levemente as pálpebras;  
Muda a boca; no olhar toda a eloquência!

Entramos na alameda. Era sol posto.  
Ao chegarmos à porta, apareceu-me  
Um personagem que dali saía,  
Baixo, gordo, roliço, empertigado,  
Sorriso de barão, cara opulenta,  
E ar de um homem contente de si próprio.

— É decerto barão ou brasileiro. —  
— Brasileiro e barão — disse-me Júlia.  
— Visita desta casa há muito tempo? —  
— Há muito tempo sim — respondeu ela  
Com certa hesitação — Não lhe falaste? —  
— Felizmente escapei de tal desgraça! —

Subi; cheguei à sala; ela deixou-me  
Por algum tempo só junto à janela.  
Sentei-me a respirar o vivo aroma  
Da fresca viração da noite amena.  
Mudara tudo em mim completamente:  
Resfriara-se o fogo dos desejos,  
E o sentimento despontava n'alma!

Vaporosa, ideal, dentro de pouco  
A meus olhos surgira uma figura  
Cuja forma gentil me arrebatava!  
No puríssimo azul dos olhos castos,  
Tremiam, cintilando, algumas lágrimas;  
O sorriso, gelado à flor dos lábios,  
Como gela o sorriso da virtude  
Quando para assustada ante o pecado.  
Tirando a coroa de virgíneas flores,  
Que lhe cingia a fronte imaculada,  
Olhara para mim! Oh! Deus supremo!  
A expressão desse olhar era a do anjo  
Ao contemplar um infeliz na terra!  
Depois, soltando a voz, estas palavras  
Com doçura e tristeza proferira:

— Parto, e deixo-te no mundo!  
Fujo, tímida inocência,  
Ouvindo o rumor profundo  
Desta agitada existência!

Vi-te um dia; era na hora

Em que a brisa é mais saudosa,  
Em que a luz do sol descora,  
E dá mais perfume a rosa!

Esta alma toda candura,  
À tua alma se rendia;  
E com que imensa ternura  
Os teus protestos ouvia!

Protestos de um coração  
Que sem susto, e sem tremor,  
Respondia com a traição  
Às provas do meu amor!

A grinalda que ainda vês  
Nesta fronte desbotada,  
Vai cair-te em breve aos pés,  
Mas vai cair desfolhada!

Na minha ingênua inocência,  
Aspiro também ao céu,  
Como aspira a grata essência  
Da flor que no vale nasceu!

Frágil flor que em pura aurora,  
Vendo o sol sorrindo, amou;  
Mas desse amor numa hora  
O vivo fogo a matou! —

A voz emudeceu. O olhar sereno  
Sobre mim se cravou com mais ternura!  
Era Lélia, ou seria a imagem dela  
Que eu tinha ante meus olhos deslumbrados?  
Tudo era incerto e vago no meu ânimo,  
Como é vaga a impressão dum belo sonho!  
Aureola de luz resplandecente  
Veio então inundar aquela fronte.

Reconheci enfim, oh! era Lélia,  
Que desprendera a voz, que proferira  
Com tão profundo afeto aquelas falas!  
A seus pés nesse instante alucinado  
Num êxtase de amor me precipito,  
Repetindo anelante estas palavras:

— Ressurge outra vez das sombras  
Da tristeza em que vivia  
Esta alma, é toda alegria,  
Volve à tua alma infantil.  
És minha. Sou teu. A vida  
Para nós vai ser agora  
Mais risonha do que a aurora,  
Mais florida do que abril!

Oh! se um dia, desvairado,  
Ousei trair-te, inocente,  
Como o remorso pungente  
Te veio depois vingar!  
Como agora, arrependido,  
O meu coração procura  
Dar-te enfim quanta ventura,  
Quanto amor se pode dar! —

Nesse momento uma infernal risada  
Me fez estremecer. Súbito acordo  
Da suave impressão do mago sonho,  
E que vejo ante mim?! uma figura  
Irônica e fatal! Era o Diabo!  
Transido de terror em vão procuro  
Meus olhos desviar daqueles olhos,  
Cuja sinistra luz me fascinava!  
Suspendendo na mão lívida e fria  
A mesma coroa de virgínicas flores,  
Que eu tinha visto na graciosa fronte  
Da celeste visão que me encantara,

Disse enfim com satânica ironia:  
— Olha: é esta a grinalda imaculada,  
Da tua ingênua e sedutora Lélia!  
Agora, aqui a tens; custou cem libras,  
Não há muito, ao rotundo brasileiro  
Que viste à porta desta nobre casa!  
Júlia comigo contratara a venda.  
Se vens mais cedo uma hora ainda podias  
Das garras do falcão salvar a pomba! —

Não ouvi nada mais: tinha perdido  
A consciência da vida nesse instante!

Quando, e como acordei daquele estado,  
Não to posso dizer; sei que a meus olhos  
O espírito infernal se convertera  
Na figura gentil de um belo moço  
Alto, airoso, elegante, e delicado.  
— Olha bem para mim, tornou sorrindo;  
Inda te inspira horror o meu aspecto?  
Já vês, meu caro amigo, que o Demônio  
Não é sempre tão feio como o pintam. —  
— *Vade retro Satan* — disse eu, buscando  
Uma pequena cruz que havia muito  
Costumava trazer pendente ao peito,  
E já forte de mim ia mostrá-la,  
Quando, oh Deus! me lembrei que nessa tarde  
A mão falaz de Júlia ma roubara.  
Pus os olhos no chão desalentados;  
O remorso cruel naquele instante  
A turvada consciência me pungia!  
— Deixa escrúpulos vãos, pobre poeta!  
Olha em roda dos teus, encara o mundo,  
Como o deve encarar quem tem bom senso.

Eu cheguei de Paris, e tinha medo  
De perder o meu tempo nesta terra;

Mas, ah! que me enganei! tenho comprado  
Um par de figurões quase de graça!  
Cantas a rosa, o nardo, a madressilva,  
Nunca tens um real, ó desgraçado!  
Não faças versos mais; faze política;  
Improvisa um jornal; morde, abespinha,  
Sem consciência e sem dó, a honra alheia!  
Hoje quis apalpar a culta imprensa,  
Famosa instituição que me tem dado  
Há tempos para cá milhares d'almas.  
Entre um grupo de ilustres publicistas,  
Quase todos catões, foi-me indicado  
O primeiro catão dos nossos dias.  
Uma palavra só fora bastante  
Para tudo explicar entre nós ambos.  
Homem da situação, ou mais exato,  
Homem das situações, sabe de quanto  
Se agita em torno a si nesta república.  
O que mais me espantou foi que no mundo  
Pudesse haver mortal tão venturoso!  
Pasmam todos ao ver o que ele come  
Desde a mesa do operário à mesa opípara,  
De opulento negreiro ou potentado  
De mais alto valor se acaso existe!  
Pode zumbir a inveja em volta dele,  
Morder-lhe a fama a cavilosa intriga,  
Exaltado rugir o ódio implacável,  
Nada disto consegue perturbá-lo,  
Nem cortar-lhe o seu ato digestivo!  
É nédio, é luzidio, é recebondo,  
Como um galo capão! Perdoa a imagem.  
Crava os olhos atentos neste exemplo  
De solida moral; segue as pisadas  
Deste egrégio varão, e eu te asseguro  
Que hás de em breve alcançar um nome ilustre.  
Tudo agora me corre às maravilhas;  
Nunca pensei que em terra tão pequena

Se pudessem fazer tão bons negócios.  
Hoje fui contratar com certa empresa  
De um moderno jornal que se atirava,  
Como lobo esfaimado, ao ministério.  
Era o mimo, era a flor, era o portento  
Da incorrupta e briosa mocidade!  
Essa, comprei-a então por atacado;  
Escaparam só dois, pobres diabos,  
Que nunca hão de passar da cepa torta!  
Que dia tão feliz! a toda a pressa  
Fui depois assistir ao desembarque  
De um nobre titular, vítima imbele,  
Do veneno infernal da torpe inveja.  
O honrado cidadão vinha entregar-se  
Nas mãos severas da imparcial justiça.  
Fazia gosto ver a comitiva  
Dos invictos heróis que o circundavam.  
Algum ranço burguês inda entre dentes  
Se atrevera a dizer que não passava  
De um cadimo ladrão o ilustre conde;  
E se eu não chego a tempo, era filado  
Quando saltasse ao cais por quatro guitas.  
Vê tu pois quanto pode o meu império!  
Com raras exceções, a livre imprensa  
Não soltou nem sequer uma palavra!

É tempo de voltar à bela Júlia:  
Esta linda mulher era beata  
Da esplêndida edição que existe agora.  
Encontrei-a uma vez num dia santo  
De grande devoção, quando acabava  
De pôr aos pés de um padre os seus pecados.  
Lélia vinha a seu lado; o porte ingênuo,  
A singela expressão desta inocente,  
Soprou-me o fogo de infernais desejos.  
Como vês, é distinto o meu aspecto,  
E apesar do terror que ao mundo inspiro,

Muitas mulheres há que intimamente  
Se agradam mais de mim que dos janotas.  
Oh! que austeras virtudes nesse dia  
Me caíram nas mãos! Lélia, embebida  
Nas suas orações, passou, cravando  
Com modéstia no chão os olhos belos.  
Não fez reparo em mim; mais forte ainda,  
Me ficara a vaidade remordendo.  
Lembrei-me então da irmã como instrumento  
Para alcançar o fim que ambicionava.  
Por entre o raro véu que lhe encobria  
O rosto sedutor, de espaço a espaço  
Se viam cintilar os olhos negros  
Com mais fogo e mais luz do que as estrelas  
Quando as nuvens do céu se rarefazem.  
(A imagem é vulgar, porém confessa  
Que tu próprio tens feito outras piores.)  
Ela olhou para mim, aproximei-me,  
Falei-lhe e respondeu. Na mesma tarde  
Perfeito acordo havia entre nós ambos.  
Precisava ostentar-lhe à luz do mundo  
O esplêndido poder dos seus encantos.  
Tudo pois lhe alcancei: casa opulenta,  
Jóias, vestidos, trens aparatosos,  
Quanto enfim dá realce à formosura,  
Lhe aumenta a sedução e a faz mais bela.  
Nada disto porém causara efeito  
No jovem coração da casta Lélia.  
Olhava para a irmã como assustada,  
Quando a via ostentar tanta grandeza.  
Por mil vezes tentei ver se podia  
Aproximar-me dela; era impossível.  
Adivinhas por quê? trazia ao peito  
Pendente a cruz que a mãe lhe havia dado  
Pouco antes de soltar o extremo alento.  
Quando na flor da vida e da inocência  
Vejo a meu lado incauta formosura,

Oh! como sou feliz! — ninguém no mundo  
Preso tanto como eu uma alma ingênua,  
Mas é para a perder! Desculpa ao menos  
Em nome da franqueza este teu servo.

Um sacerdote ancião que além habita,  
Naquela ermida que daqui se avista,  
Teima em não me deixar; tu só podias  
Ajudar-me a vencer nesta batalha.  
Inda há pouco menti quando te disse  
Ser tarde já para salvar a pomba.  
É tempo ainda, oh! vai! Colhe as primícias  
Daquele coração que te idolatra.  
Tudo é luz, sedução, amor, encanto,  
Na voz, no olhar, na lânguida ternura  
Da rosa virginal que tu desprezas!  
Anelantes te esperam já seus lábios,  
O seu peito infantil por ti suspira,  
No ouvido sente a voz dos teus protestos,  
O súbito rubor lhe afronta as faces!  
Não a vês hesitar, tremer, fugir-te,  
Acercar-se outra vez, sorrir a furto,  
Escondendo nas mãos a fronte bela?  
De novo inda lutar, mas já sem forças  
Cair por fim num lânguido delíquio?  
Oh! corre a ser feliz nos braços dela! —  
Um momento depois destas palavras,  
Em doce consonância estranhas vozes  
De improviso romperam neste canto:

— Seja a breve passagem da vida  
Uma série de ardentes delírios;  
Quem procura colher os martírios  
Quando existem as rosas em flor?

Venturosos ergamos as taças  
Onde brilha o licor purpurino,

E soltemos as vozes num hino  
Consagrado aos deleites do amor!

Vem poeta: as tristezas do mundo  
Não comprimem jamais nossas almas;  
Nós cercamos de flordais palmas  
A existência votada ao prazer!

O que importa que a noite suceda  
Aos sorrisos do astro diurno?  
Para nós o seu manto noturno  
Mil delícias nos torna a trazer! —

Apossou-se de mim o imundo espírito.  
— Sou teu, ó tentador, enfim lhe disse;  
Ao teu fatal poder entrego esta alma!  
Dize, dize, onde está essa que eu vejo,  
Mas que procuro em vão cingir nos braços! —  
— Onde está? vais sabê-lo, e num momento  
A seus pés cairás ébrio de gosto! —

Ao secreto aposento onde jazia  
A virgem dos meus sonhos, me dirige  
O torpe embaidor. Entro em delírio,  
E ardendo em chamas de brutais desejos,  
No casto ninho onde vivia a pomba!  
De repente uma luz serena e branda  
Veio alegrar as trevas da minh'alma.  
Outra vez à razão volto, e que vejo!  
Ante mim venerando sacerdote,  
Pondo-me ao peito a cruz que nessa tarde  
A enganadora Júlia me roubara.  
Lélia, a seu lado, com as mãos erguidas,  
E os olhos postos no sagrado emblema,  
Estas doces palavras me dizia:

— Deixou-te o negro espírito!

Feliz de novo agora,  
Sorri tua alma em êxtase  
Ao ver a pura aurora,  
Da qual somente é nuncia  
Na terra a humilde cruz!  
Só ela, eterno símbolo  
De amor e de piedade,  
Brilha no mundo esplêndida,  
E diz à humanidade:  
Surge das trevas lúgubres;  
Ascende à etérea luz!

Só ela quando rápida  
A morte nos alcança,  
Difunde em nossos ânimos  
O lume da esperança,  
Que nos descobre a pátria  
Da glória perenal!

Perde a tristeza o túmulo;  
O sepulcral cipreste,  
Deixando o aspecto fúnebre,  
De flores se reveste!  
Soam divinos cânticos  
Em coro angelical!

Oh! quem pudera pintar  
A expressão que nesse instante  
Tinha o cândido semblante  
Do meu anjo tutelar!

Como a pomba da arca santa  
Que um dia à terra desceu,  
Vinha dizer-me: Acabaram  
As tempestades do céu!

Deixa o mundo, antro medonho

Onde somente fulgura  
Nas curtas horas de um sonho  
A branda luz da ventura!

Verás a meu lado agora  
Sorrir eternos amores,  
Como sorriem as flores,  
À luz da punícia aurora! —

Julguei-me nesse instante transportado  
À mansão do Senhor. Caindo em êxtase,  
Disse, rompendo em delicioso pranto:

— Em nome desta cruz, ó doce imagem,  
Jura que para sempre hás de ser minha. —  
— “Juro” — disse ela então. Nesse momento  
Aproximou-se a nós o sacerdote,  
Cuja fronte senil resplendecia  
Com a luz celeste que ilumina o justo;  
E unindo as nossas mãos, com voz solene  
A sacrossanta bênção proferira!

.....

Aqui termina, ó musa, a minha história.  
Acordei do meu sonho, e depois dele  
Tenho visto o demônio algumas vezes;  
Não menos vezes a traidora Júlia;  
Porém Lélia, a gentil graciosa virgem,  
A predileta noiva da minh'alma,  
Essa apenas em sonhos me aparece!



## HINO DA INFÂNCIA DESVALIDA

Deserdados no berço de heranças,  
Desvalidos dos braços de mãe,

Quem nos cerca o viver de esperanças,  
Nos educa, nos veste, e mantém?

### CORO

O Bom Deus que protege a inocência,  
De quem são nossos cantos de amor;  
Deserdada é somente a existência,  
Do infeliz que descrê do Senhor!

Onde o bem? Onde o mal? nós no mundo  
Como iremos a vida encontrar?  
Neste vale enredado e profundo  
Quem nos há de o caminho apontar?

O Bom Deus que protege a inocência,  
De quem são nossos cantos de amor;  
Deserdada é somente a existência,  
Do infeliz que descrê do Senhor!

Quem virá ser-nos pai na orfandade?  
Consolar nossos dias de dor?  
Circundar-nos depois noutra idade,  
De delícias, de sonhos, de amor?

O Bom Deus que protege a inocência,  
De quem são nossos cantos de amor;  
Deserdada é somente a existência,  
Do infeliz que descrê do Senhor!

Dos tesouros de afeto que encerra  
Entre vós maternal coração,  
Quem vos faz a nós órfãos na terra,  
Repartir desse afeto um quinhão?

O bom Deus que protege a inocência,  
De quem são nossos cantos de amor;

Deserdada é somente a existência,  
Do infeliz que descrê do Senhor!

E esse afeto ideal que ilumina  
O existir de um reflexo do céu,  
Que a sofrer e que a amar nos ensina,  
Quem no peito materno o acendeu?

O Bom Deus que protege a inocência,  
De quem são nossos cantos de amor;  
Deserdada é somente a existência,  
Do infeliz que descrê do Senhor!

Mas nós cremos, sentimos, amamos,  
A Deus grande na terra e nos céus,  
E do íntimo da alma exclamamos:  
Glória a Deus! Glória a Deus! Glória a Deus!



## GRATIDÃO E SAUDADE

*(Recitada no Teatro)*

De cândidos sonhos, de luz, e de flores,  
Cercada a existência começa a sorrir;  
Alegre o presente nos fala de amores,  
De amores nos fala brilhante o porvir!

Depois no horizonte sereno, e risonho,  
Carregam-se as sombras, perturba-se a luz,  
Esvai-se a ventura veloz como um sonho,  
Que apenas instantes na vida reluz!

Assim penetrando no mundo das artes,  
Ao tímido lume de frouxo clarão,  
Olhava, e só via por todas as partes,  
A meiga esperança sorrindo em botão!

De lírios e rosas grinalda fragrante,  
Cuidei mais ainda: cuidei vê-la aí;  
Nos braços a aperto, convulsa, anelante,  
Aos lábios a levo, na fronte a cingi!

Foi breve este sonho de amor, e de encanto;  
Acordo, e procuro debalde uma flor;  
Inundam-se os olhos de angústia e de pranto,  
Ao ver que só restam espinhos e dor!

Só restam espinhos das pálidas rosas,  
A quem pobre artista não ousa pedir  
Os louros fragrantes, as palmas viçosas,  
Que a fronte de gênio só devem cingir!

Só restam espinhos? ai, não! Se a ventura,  
Não quis que durasse tão meiga ilusão,  
Em paga deixou-me no peito a doçura.  
De terna, suave, leal *gratidão!*

Que a voz do mais fundo, mais íntimo d'alma,  
Sincera tributa nesta hora o dever!  
Embora outras palmas morressem, — a palma  
De gratas memórias não pode morrer!

Desfeitos os sonhos, fanadas as flores,  
Quebrado o encanto da pura ilusão,  
Que resta ao artista? — espinhos e dores,  
Saudades! mais nada no seu coração!

Saudades da glória, da luz, da ventura,  
Dos mágicos sonhos, presente dos céus,  
Saudades que atestam a funda amargura,  
Que sente ao dizer-vos agora um adeus!



## DIANTE DO TÚMULO DE SALVADOR CORREA DE SÁ (VISCONDE DE ASSECA) E DE SUA FILHA (1854)

*Quem tratou de perto Salvador Corrêa de Sá (Visconde de Asseca) conheceu um dos caracteres mais nobres da nossa terra. Estes versos dedicados à sua memória são um testemunho de saudade bem humilde, mas bem sincero. Um dia o braço da Providência arrebatou-lhe uma filha, anjo que principiava a abrir as asas cândidas, e que subindo ao céu levava o coração daqueles que lhe haviam dado o ser. Em breve ao lado do estreito túmulo onde ela repousava ia juntar-se o cadáver do pai!*

*“Não sabe o que é padecer,  
Quem o filhinho que adora  
Não viu ainda morrer!”*

(A. Garret)

— Bem sei que era exílio a terra  
Para ti, anjo do céu!  
Porém, filha, abandonar-me  
Quando toda a minha vida  
Era a luz dum olhar teu!  
Ouvir essa voz infante,  
Ver a impaciente alegria  
De teu cândido semblante!  
Deixar-me assim na existência  
Triste, só, desamparado,  
Aquele flor de inocência!  
Que lhe fiz? tinha-a cercado  
De quanto amor neste mundo  
Pela mão da Providência  
A peito de homem foi dado!  
Oh! que afeto tão profundo!  
E tu pudeste partir?  
Pois não tiveste piedade  
Desta solene amargura,  
Desta infinita saudade?

Vi-te inda olhar-me, e sorrir,  
Erguer os olhos aos céus,  
No instante de proferir,  
O fatal e extremo adeus!...

.....  
.....

Oh! volve outra vez a mim,  
Desce à terra, anjo do céu,  
Vem dar-me a ventura enfim!

.....  
.....

Olha: o vivo sol de Abril  
Já nestes campos rompeu;  
As rosas desabrocharam;  
O rouxinol desprende  
A voz em saudosos cantos;  
Os sítios onde passaram  
Os teus descuidados anos,  
Não os vês cheios de encantos?  
São estes! a mesma fonte,  
Ferve além; naquele outeiro  
O mesmo casal alveja;  
As ramas do verde olmeiro,  
Dão sombra à modesta igreja  
Onde tu vinhas rezar,  
Quando o som da Ave-Maria,  
N'hora meiga do sol posto,  
De vaga melancolia  
Toldava teu belo rosto!  
Tudo o mesmo!?!... esta inscrição!...  
Este nome!... anjo do céu,  
Este nome, filha, é teu!!  
Oh! meu Deus, por compaixão,  
Na mesma pedra singela,  
Juntai o meu nome ao dela! —

.....

.....  
.....  
E Deus ouviu a oração...  
O mesmo túmulo encerra  
Filha e pai. Na mesma lousa  
Onde repousam na terra,  
Uma lágrima saudosa  
Vem hoje depor também  
A esposa, a viúva, a mãe!

---

### CANÇÃO DOS PIRATAS

*(Traduzido do Corsrio de Byron)*

Sobre as ondas do mar azul ferrete,  
Sem limites são nossos pensamentos,  
E como as ondas nossas almas livres,  
Por quanto alcança a doidejante brisa  
Cobrindo a vaga de fervente escuma  
Nós temos uma pátria! Eis os domínios  
Onde flutua o pavilhão que é nosso,  
Cetro a que devem humilhar-se todos!  
Turbulenta e selvagem quando passa!  
Da luta ao cio em tais alternativas  
A vida para nós tem mil encantos!  
Mas estes, oh! quem pode descrevê-los?  
Não serás tu, escravo dos deleites,  
Tu, que ao ver-te no cimo inconsistente  
Das alterosas vagas desmaiaras!  
Não serás tu, vaidoso aristocrata,  
Educado no vício e na opulência,  
Tu que nem podes repousar no sono,  
Nem achar atrativos nos prazeres.  
Oh! quem pode no mundo compreendê-los?  
A não ser o incansável peregrino,

Destes plainos que ficam sem vestígios;  
Do qual o coração afeito aos perigos  
Pula orgulhoso em delirante júbilo  
Quando se vê sobre o revolto abismo!  
Só ele preza a luta pela luta  
E espera ansioso a hora do combate.  
Quando o fraco esmorece apenas sente  
No mais profundo do agitado seio  
A esperança que vívida desponta  
E o fogo da Coragem que se acende!  
Não nos assusta a morte, oh! não; contanto  
Que a nossos pés sucumba o inimigo,  
E contudo mais triste que o repouso  
Inda parece a morte! mas embora,  
Embora, oh! pode vir! ao esperá-la  
Vai-se exaurindo a essência desta vida;  
E quando ela se acaba, pouco importa!  
Cair pela doença, ou pela espada!  
Haja um ente que preze inda algum resto  
D'existência senil! viva aspirando  
Sobre o leito da dor um ar pesado,  
Erguendo a custo a trêmula cabeça!  
Para nós são as relvas fluorescentes!  
Enquanto ess'alma expira lentamente,  
Foge a toda a pressão dum salto a nossa!  
Possa ainda ufanar-se esse cadáver,  
Da cova estreita e do marmóreo túmulo  
Que a vaidade dos seus lhe consagrara!  
São raras, mas sinceras, nossas lágrimas,  
Quando o oceano, abrindo-se, sepulta  
No vasto seio os nossos camaradas!  
Inda mesmo no meio dos banquetes  
Funda tristeza nos rebenta d'alma  
Quando a purpúrea taça erguendo aos lábios  
A memória dos nossos coroamos.  
E o seu breve epitáfio é redigido,  
Ao por do sol do dia da batalha,

Ao dividir as presas da vitória,  
Quando a exclamam os rudes vencedores  
Com a fronte anuviada de saudades:  
Ai, de nós! como os bravos que morreram  
Folgariam ditosos nesta hora!



## NUM ÁLBUM

*(Onde o meu amigo e jovem poeta, D. Tomaz de Melo, tinha escrito uns versos)*

No reverso da folha onde escrevo,  
Um cantor juvenil pulsa a lira,  
E magoado, e sentido, suspira,  
Com saudosas memórias de amor!

Na cadência da letra singela,  
Qual murmúrio de branda corrente,  
Transparece sua alma inocente,  
Toda vida, perfume, e calor!

Variegado, risonho, brilhante,  
Inda agora na flor da inocência  
Vendo o mundo, sorri-lhe a existência  
Através do seu prisma gentil:

Cuida extintas ficções encantadas,  
Crê perdido o seu sonho de amores,  
Julga ver desbotadas as flores  
Que adornavam sua harpa infantil!...

.....

Ai! poeta! ai de ti! que saudade,  
Que saudade tão funda e sentida  
Hás de ter desses anos da vida,  
Quando os vires ao longe ficar!

Que saudade tão funda do tempo  
Em que tinhas sentido saudade,  
Hás de ter quando a triste orfandade  
Dos afetos tua alma enlutar!

Ouve pois jovem bardo que a lira  
Pulsas hoje com tanta amargura;  
De ilusões, de poesia e ventura,  
Enche agora teus anos em flor.

Que são estes efêmeros sonhos,  
Os que vem derramar grata essência  
Sobre a tarde da nossa existência  
Dar-lhes vida, perfume, e calor!



**À MEMÓRIA DA EXMA. SRA.  
D. MARIA GERTRUDES MANUEL DA CUNHA**

Na hora melancólica,  
Do despedir do dia,  
Quando se escuta o cântico,  
Ou estranha melodia,  
Que na devesa lânguido  
Desprende o rouxinol;

Quando desponta pálida  
No firmamento a lua,  
E que inda incerta e trêmula,  
No mar azul flutua  
Com a viva cor da púrpura  
A frouxa luz do sol!...

Quem passe pelo túmulo  
Que encerra a virgem bela,

Quebre o silêncio tétrico  
A orar prece singela  
Por essa que a existência  
Deixara inda em botão!

Por ela!? ai, não! a súplica  
Ao nosso Deus erguida,  
Seja por quem, perdendo-a,  
Perdeu parte da vida,  
E que no mundo estático  
A filha busca em vão!

Ela este vale de lágrimas  
Abandonou, subindo  
Ao céu que lhe era pátria!...  
Ela, feliz, sorrindo,  
Brilha no mundo etéreo  
Ao lado do Senhor!

Por nós, oh, sombra angélica,  
Implora a Deus piedade!  
Anjo das asas cândidas,  
Consola a saudade,  
Daqueles que, adorando-te,  
Te viram morta em flor!



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)